

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

PEDRO VITORINO CAMELO DE FREITAS

DO CAOS À LAMA:
UM RETRATO DA CIDADE DO RECIFE NO ÁLBUM DA LAMA AO
CAOS

Recife
2018

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Pedro Vitorino Camelo de Freitas

**DO CAOS À LAMA:
UM RETRATO DA CIDADE DO RECIFE NO ÁLBUM DA LAMA AO
CAOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como exigência parcial para Graduação no Curso de
Arquitetura e Urbanismo, sob orientação da Prof.^a
Dr.^a Winnie Emily Fellows

Recife
2018

Catálogo na Fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB/4-2116

F866d Freitas, Pedro Vitorino Camelo de.
Do caos à lama: um retrato da cidade do Recife no álbum Da lama
ao caos / Pedro Vitorino Camelo de Freitas. - Recife, 2018.
96 f.: il. color.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Winnie Emily Fellows.
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Arquitetura e
Urbanismo) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2018.
Inclui bibliografia

1. Arquitetura e urbanismo. 2. Cidade. 3. Análise de conteúdo. 4.
Manguebeat. 5. Música. 6. Recife. I. Fellows, Winnie Emily. II.
Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título

72 CDU (22. ed.)

FADIC (2019-211)

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

PEDRO VITORINO CAMELO DE FREITAS

**DO CAOS À LAMA:
UM RETRATO DA CIDADE DO RECIFE NO ÁLBUM DA LAMA AO CAOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como exigência parcial para a Graduação no
Curso de Arquitetura e Urbanismo, sob
orientação da Prof.^a Dr.^a Winnie Emily Fellows

Aprovado em 14 de junho de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Winnie Emily Fellows / FADIC
Orientador

Prof.^a Dr.^a Luciana Santiago Costa / FADIC
Examinador 1

Prof.^o MSc Pedro Henrique C. Valadares/ FADIC
Examinador 2

Recife
2018

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer primeiramente a mim mesmo por não ter desistido e por ter me esforçado para chegar até aqui. Foram alguns momentos difíceis, outros momentos mais simples, mas não vou dizer que é fácil. Requer esforço e dedicação. Assim como tudo que você quer fazer valer a pena.

Agradeço também pelo entendimento, ou tentativa de entendimento, de todos que convivem comigo, seja família, namorada, amigos e todos que conviveram comigo em algum momento durante as mudanças, ausências, falações, silêncios, olhares e não olhares. A todos vocês que convivem comigo em diversas situações da vida, muito obrigado.

À minha família, por estarem sempre comigo, me darem apoio no que quer que eu faça ou decida fazer. Por acreditarem, desconfiados, mas acreditarem. Por incentivarem, investirem e estarem sempre lá, presentes. Pelo apoio psicológico, seja ouvindo ou tentando entender meus isolamentos e silêncios. Pelo apoio financeiro, que, com muito esforço dos meus pais, me ajudou a chegar até uma situação privilegiada. E por toda a convivência e senso de irmandade e comunidade obtida por essas pessoas. Pai, mãe, Rebeca e Barbara, amo vocês de uma forma inimaginável.

À Estela, por me acompanhar nesses últimos, praticamente quatro, anos. Por ser amiga, namorada, companheira, confidente e sempre me apoiar. Por me ajudar a me entender e me ver e ver os outros de vários pontos de vistas não vistos antes. Obrigado, meu amor, por tudo, por tudo; pelos sorrisos, pelos choros, pelos prazeres e dores; pelas conversas, seja no carro, na praia, na rede, na cama; pelas comidas, pelos depoimentos, pelo companheirismo e pelo diálogo; e por eu te considerar parte de mim. Estela, também te amo de uma forma única, meu amor, obrigado por tudo mesmo.

Aos meus amigos primos e irmãos, de sangue ou não. Por me acompanharem por todo esse tempo, pela convivência e pela irmandade. Pelas conversas, viajadas ou não, pelo diálogo dos mais diversos assuntos. Pelo apoio, pela ajuda e entendimento. Pelas conversas, cervejas, carros, viagens, festas, encontros, desencontros, prazeres

e sufocos. Não estaria onde estou sem vocês, pessoal. Muito obrigado por tudo, tudo mesmo. Amo muito vocês, vocês fazem parte da minha vida e da minha história.

E, por último, mas não menos importante, a todos da Faculdade Damas, funcionários ou alunos. Pela convivência praticamente diária nos últimos cinco anos. Vocês também são grandes responsáveis por eu ter chegado até aqui. Agradeço, especialmente, à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Winnie Fellows, que confiou em mim desde o início dessa pesquisa até o fim. Cobrando, compreendendo e me auxiliando nos entraves do trabalho. Obrigado, professora, demais professores, funcionários e alunos da faculdade. Todos ficarão guardados em minha memória, marcados na minha história e no meu coração.

Um passo a frente

E você não está mais no mesmo lugar

(Chico Science)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é o entendimento de como a cidade do Recife foi representada nas músicas do álbum *Da Lama ao Caos* do grupo musical Chico Science e Nação Zumbi (CSNZ). Para isso, foram pesquisados o conceito de cidade, trazido por diversos autores, como Rolnik (1995), Vasconcelos (2015) e Lencioni (2008), o conceito de urbanização e o entendimento de processo de urbanização e de como esse processo se deu no Brasil e no mundo, de acordo com os ensinamentos de Maricato (2008). Em paralelo, foi pesquisado o processo de urbanização da cidade do Recife, desde o período das capitânicas hereditárias até a década de 1980, para compreensão da situação da cidade nas décadas de 1980 e 1990, retratada nas letras do compositor. Para isso, foram utilizados autores como Castro (1959) e Baltar (1951). Ainda, com vistas à criação de pano de fundo para as letras das músicas do álbum, foi realizado um levantamento de como se deu o surgimento do movimento Manguebeat e da banda CSNZ. Para a realização da análise das letras das músicas, foi utilizado o método de Análise de Conteúdo trazido por Bardin (1977). Foi utilizada a técnica de Análise Categrorial adotada pela autora, ou seja, para realização da análise das letras das músicas, foram definidas categorias de interesse, e em seguida, foi feita a relação das letras com cada uma das categorias. Essa análise resultou no entendimento de que a cidade exposta através das letras das músicas de Chico Science tem a imagem de uma cidade, desigual, violenta, degradada e injusta, mas uma cidade que deve lutar pela igualdade, pela sua história, pela preservação do mangue e sua biodiversidade.

Palavras-chave: Cidade. Análise de Conteúdo. Manguebeat. Música. Recife.

ABSTRACT

The aim of this work is the understanding of how the city of Recife was represented in the songs of the album *Da Lama ao Caos* of the musical group Chico Science & Nação Zumbi (CSNZ). To do it, was researched the concept of city, brought by many authors, such as Rolnik (1995), Vasconcelos (2015), and Lencioni (2008), the concept of urbanization and the understanding of the urbanization process and how this process was occurred in Brazil and in the world, according with the teachings of Maricato (2008). In parallel, the urbanization process of Recife city, since the time of the hereditary captaincies until 1980s, was investigating for the understanding the city situation on the 1980s and 1990s, related in the lyrics of the composer. For this, authors such Castro (1959) and Baltar (1951) were used. Also, thinking to create a background for the lyrics of the album's songs, a survey was made of how the Manguebeat movement and the band CSNZ appeared. For the analysis of the song's lyrics, the method of Content Analysis brought by Bardin (1977) was used. It was used the technique of Categorical Analysis adopted by the author, that is, to perform the analysis of the lyrics of the songs, interest categories were defined, and then, the relationship of lyrics with each of the categories was made. This analysis resulted in the understanding that the city exposed through the lyrics of Chico Science songs has the image of an unequal, violent, degraded and unjust city, but a city that must fight for equality, for its history, for the preservation of the mangrove and its biodiversity.

Keywords: City. Content Analyses. Manguebeat. Music. Recife.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da Cidade Mauricia de 1639	34
Figura 2 - Mapa do Recife de 1906	36
Figura 3 - Mapa do Recife em 1956	41
Figura 4 - Gráfico de evolução do IDH-M no Recife e seus outros índices	43
Figura 5 - Tabela que mostra o índice de Gini em algumas capitais brasileiras.....	46
Figura 6 - Tabela demográfica da RMR	47
Figura 7 - Gráfico do crescimento da violência em Pernambuco	49
Figura 8 - Capa do álbum <i>Da Lama ao Caos</i>	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Músicas relacionadas às categorias.....	57
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	ANÁLISE DE CONTEÚDO	15
2.1	Método	15
2.1.1	A organização da análise	16
2.1.2	A codificação	18
2.1.3	A categorização.....	20
2.1.4	A inferência.....	21
2.1.5	Informatização da Análise	22
2.2	Técnicas	22
2.2.1	Análise categorial	22
2.2.2	Análise de Avaliação	22
2.2.3	Análise de Enunciação	23
2.2.4	Análise Proposicional do Discurso.....	23
2.2.5	Análise de Expressão	23
2.2.6	Análise das Relações	24
3	A CIDADE	25
3.1	O conceito de Cidade	25
3.2	Urbanização	28
3.3	Urbanização no Recife	31
4	MANGUETOWN: O RECIFE NAS DÉCADAS 1980-1990	43
5	O MANGUEBEAT	51

6	A ANÁLISE.....	56
6.1	Da Lama ao Caos (álbum)	58
6.1.1	<i>Monologo ao Pé do Ouvido</i>	59
6.1.2	<i>Banditismo por Uma Questão de Classe.....</i>	59
6.1.3	<i>Rios, Pontes E Overdrives.....</i>	63
6.1.4	<i>A Cidade.....</i>	66
6.1.5	<i>A Praieira.....</i>	69
6.1.6	<i>Samba Makossa.....</i>	71
6.1.7	<i>Da Lama ao Caos.....</i>	71
6.1.8	<i>Maracatu de Tiro Certoiro.....</i>	75
6.1.9	<i>Salustiano Song.....</i>	77
6.1.10	<i>Antene-se.....</i>	78
6.1.11	<i>Risoflora</i>	81
6.1.12	<i>Lixo Do Manguê</i>	81
6.1.13	<i>Computadores Fazem Arte</i>	81
6.1.14	<i>Côco Dub (Afrociberdelia)</i>	82
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
	REFERÊNCIAS.....	88
	ANEXO A – LETRAS PESQUISADAS.....	91

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo o entendimento de como a cidade do Recife foi representada nas músicas do álbum *Da Lama ao Caos* do grupo musical Chico Science e Nação Zumbi (CSNZ). A pesquisa busca trazer para o campo acadêmico a relação entre arquitetura e urbanismo e música, tendo o álbum *Da Lama ao Caos* como objeto de estudo. Foi realizada uma análise das músicas do disco, para observar como a cidade é retratada nas letras.

Para que essa análise não fosse realizada de maneira superficial e não nos deixássemos levar por interpretações corriqueiras, utilizamos o método de Análise de Conteúdo. Este método foi apresentado a partir do livro *Análise de conteúdo*, de Laurence Bardin, do ano de 1977. A autora destrincha todo o método em seu livro, que serve como manual para ser utilizado nos mais diversos campos de pesquisa.

O trabalho foi dividido em 7 capítulos, sendo o primeiro esta Introdução contendo as informações e diretrizes que foram adotadas. O segundo capítulo é todo dedicado à exploração do método de Análise de Conteúdo.

No capítulo 3, dividido em 3 itens, tem-se, inicialmente, uma discussão acerca do conceito de cidade para um maior esclarecimento do que é cidade a partir do ponto de vista de diversos autores e áreas de estudo. Esse item tem a finalidade de observar vários conceitos de cidade e, posteriormente, como a cidade colocada por Chico Science em sua música dialoga com esses conceitos. O segundo item desse capítulo discute sobre o processo de urbanização no mundo e no Brasil. O terceiro item do capítulo faz um levantamento de como ocorreu o processo de formação e urbanização da cidade do Recife, que serviu para compor um pano de fundo para a análise a ser feita, observando como essa formação foi trazida nas letras do compositor em foco.

No quarto capítulo, será realizado um levantamento de como estava a cidade do Recife nas décadas de 1980 e 1990, décadas do surgimento do movimento Manguebeat, trazendo dados técnicos e indicadores que demonstram alguns aspectos da cidade. Aspectos esses retratados ou não nas músicas.

No capítulo cinco foi feito um levantamento da história do Manguebeat, com a intenção de criar um contexto para a criação das letras. Nesse capítulo foi feito também um breve histórico da vida de Chico Science e de do autor, fonte de inspiração para grande parte de sua música, Josué de Castro.

O capítulo 6 é o capítulo onde foi feita a análise das letras. Foi apresentada, primeiramente, a **técnica** do método definida para realizar a análise e, posteriormente, o *corpus* de análise para que essa análise seja relevante. Também constou nele uma breve introdução ao disco, sua história e relevância. Após esse primeiro momento, foi levantada música por música das quais serão apresentados trechos importantes para a análise a partir do olhar do grupo musical Chico Science e Nação Zumbi.

Por fim, observamos que a cidade é retratada através de vários pontos de vista pela banda. Principalmente por suas experiências e vivências do dia a dia, buscando retratar a cidade desigual, abandonada e violenta em que viviam. Isso é realizado através de diversas metáforas que procuram inverter e misturar valores, criando, a princípio, estranhamento, porém propondo sua igualdade e democraticidade.

2 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Com o intuito de realizar análises de caráter mais técnico, minimizando a subjetividade dessas análises e afastando-se dos perigos da *compreensão espontânea* (Bardin, 1977), foram realizados diversos estudos. Com o passar do tempo, esses estudos, os quais iniciaram no começo do século XX, passaram a se chamar de Análise de Conteúdo. Começando por uma escola jornalística, estendeu-se para as demais áreas, visto que “Qualquer comunicação, isto é, qualquer veículo de significados de um emissor para um receptor controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de Análise de Conteúdo” (BARDIN, 1977, p. 34).

A Análise de Conteúdo é um conjunto de métodos e técnicas que, aplicadas a um determinado objeto, serve para decifrar – decodificar – a mensagem.

Vamos aqui explicitar um pouco mais dos métodos e técnicas que a Análise de Conteúdo nos mostra para um uso futuro na análise a ser realizada neste trabalho. Para isso, utilizaremos como base o livro Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin, parisiense, professora de Psicologia na Universidade de Paris V, que escreveu o livro visando transformá-lo em um manual de análise a ser usado pelas mais diversas áreas.

2.1 Método

A Análise de Conteúdo nos apresenta um método específico para realização da análise do material desejado. Esse método se divide em quatro partes: a organização da análise, a codificação, a categorização e a inferência. Neste subtópico, mostraremos cada ponto.

2.1.1 A organização da análise

A organização da análise tem os seguintes passos: a *pré-análise*, a *exploração do material* e o *tratamento dos resultados obtidos e interpretação*.

A *pré-análise* consistiria:

- Em um primeiro momento de uma *leitura flutuante* a fim de estabelecer “contacto com os documentos a analisar e em conhecer o texto e deixando-se invadir por impressões e orientações” (BARDIN, 1977, p. 122). A partir dessa leitura flutuante, a ideia seria a de criar hipóteses e objetivos com a finalidade de nortear as pesquisas buscando confirmar ou não essas hipóteses.
- Em um segundo momento da *pré-análise*, é realizada a *escolha dos documentos*, ou seja, do *corpus*. Podendo esse *corpus* ser determinado a priori, ou então após a definição de um objetivo; a partir disso, escolhem-se os documentos pertinentes para a pesquisa. Essa escolha ainda deve obedecer a algumas regras, sendo elas: *regra da exaustividade*, *regra da representatividade*, *regra da homogeneidade* e *regra da pertinência*. A *regra da exaustividade* nos mostra que

uma vez definido o campo do corpus (entrevistas de um inquérito, respostas a um questionário, editoriais de um diário de Paris entre tal e tal data, emissões de televisão sobre determinado assunto, etc.), é preciso ter-se em conta todos os elementos desse corpus. (BARDIN, 1977, p. 122)

Ou seja, não se deve excluir da escolha do *corpus* nenhum documento pertinente à pesquisa a ser realizada. No caso da *regra da representatividade*, vemos que podemos fazer uma amostragem do *corpus*, desde que essa amostra supra a necessidade requerida, sendo assim, os resultados obtidos a partir da amostra serão generalizados a todo o grupo. Essa regra requer ainda, dependendo da heterogeneidade dos elementos, o aumento da dimensão da amostra em relação a um universo mais homogêneo. A *regra da*

homogeneidade nos aponta que os documentos devem obedecer um certo padrão de escolha. Não fazendo sentido a escolha de documentos singulares para a elaboração de um corpus. Por último, a *regra da pertinência* determina que a escolha desses documentos deve fazer sentido ao objetivo da análise, descartando os documentos que não tenham relação com o assunto.

- Em um terceiro momento da pré-análise, a autora declara que deve ser realizada a *formulação das hipóteses e dos objetivos* com o intuito desses elementos serem os norteadores da pesquisa, sendo a hipótese uma afirmação provisória que iria ser confirmada ou não ao término da pesquisa, e o objetivo como a finalidade da pesquisa proposta por nós ou por terceiros. As hipóteses nem sempre serão definidas no início da pesquisa, podendo aparecer hipóteses ao longo do processo analítico. Tendo isso em vista, Bardin (1977) ainda faz a distinção entre procedimentos exploratórios e procedimentos fechados. Tendo o primeiro seu quadro de análise não determinado em contraposição ao segundo, ou seja, o procedimento exploratório seria uma análise às cegas, sem uma primeira impressão, sem hipóteses nem objetivos norteadores; visando, assim, um olhar ainda mais técnico, minimizando a subjetividade.
- Ainda dentro da pré-análise, se faz necessário a *referenciação de índices e a elaboração de indicadores*, considerando os índices como elementos importantes encontrados nos textos, em que o trabalho preparatório será a escolha desses em função das hipóteses e sua organização sistemática em forma de indicadores.
- A última etapa da pré-análise, proposta por Bardin (1977), consiste na preparação do material. Nessa etapa, deve ser realizada uma preparação material (como uma separação) e, se necessário, uma preparação formal, ou seja, ajustes no modo em que o material se encontra, seja a digitação de questionários, seja a transcrição audiovisual, entre outros.

O passo seguinte após a pré-análise na organização da autora é o da **exploração do material** que se faz simplesmente pela “aplicação sistemática das decisões tomadas”

(BARDIN, 1977, p. 127). Sendo nessa fase, a análise propriamente dita, consistindo essencialmente em operações de decodificação, decomposição ou enumeração, realizadas sobre o *corpus* escolhido a partir das regras definidas anteriormente. Essa fase consiste basicamente em realizar a segunda etapa do método da *Análise de Conteúdo*, (**A codificação**) o qual será visto mais adiante neste capítulo.

O terceiro e último passo da organização da análise seria o *tratamento a ser dado aos resultados obtidos e a sua interpretação*: “O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fieis pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objectivos previstos – ou que digam respeito a outras descobertas” (BARDIN, 1977, p. 127).

2.1.2 A codificação

Bardin (1977) traz como uma segunda etapa, após a organização da análise, a codificação da mensagem, ou seja, a transformação dos dados brutos, obtidos do material, seja por recorte, por agrupamento ou enumeração, em unidades necessárias ao esclarecimento.

A organização dessa codificação se dá a partir de três momentos: *o recorte* (a escolha de unidades), a *enumeração* (escolha das regras de contagem) e a *classificação e agregação* (escolha de categorias). Será destrinchado aqui como realizar essas escolhas de acordo com a necessidade da análise do conteúdo definido.

As unidades de registro e as unidades de contexto devem ser escolhidas de maneira a responder os objetivos propostos na pré-análise. O critério de escolha dessas unidades geralmente vem da ordem semântica, de sentido.

A unidade de registro é a unidade a ser analisada. Como unidades geralmente utilizadas na análise do conteúdo tem-se: a palavra, o tema, o objeto, o personagem, o acontecimento e o documento.

A unidade de contexto serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registo e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registo) são óptimas para que se possa compreender a significação exacta da unidade de registo. Esta pode, por exemplo, ser a frase para a palavra e o parágrafo para o tema (BARDIN, 1977, p. 133).

A unidade de contexto tem sua dimensão definida por dois critérios: o custo e a pertinência.

É evidente que uma unidade de contexto alargado exige uma releitura do meio, mais vasta. Por outro lado, existe uma dimensão óptima, ao nível do sentido: se a unidade de contexto for demasiado pequena ou demasiado grande, já não se encontra adaptada. (BARDIN, 1977, p. 133)

Ainda sendo possível o teste das unidades de registo e unidades de contexto para se assegurar a adequação dos instrumentos.

É ainda requerido definir as regras de enumeração, ou seja, o modo de contagem a ser utilizado na análise, sendo essa enumeração mais necessária nas análises quantitativas. Alguns tipos de regras de contagem são: a presença/ausência, a frequência (ponderada ou não), a intensidade, a direção, a ordem, a coocorrência. A escolha dessas regras tem base numa hipótese de correspondência entre fatores como, por exemplo, a frequência e a intensidade.

A autora ainda faz a distinção entre análise *qualitativa* e *quantitativa*.

A análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração de certas deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa., e não em inferências gerais. Pode funcionar sobre corpus reduzidos e estabelecer categorias mais discriminantes, visto não estar ligada, enquanto análise quantitativa, as categorias que dão lugar a frequências suficientemente elevadas para que os cálculos se tornem possíveis. Levanta problemas ao nível da pertinência dos índices retidos, visto que seleciona estes índices sem tratar exaustivamente todo o conteúdo, existindo o perigo de elementos importantes serem deixados de lado, ou de serem tidos em conta de elementos não significativos. A compreensão exacta do sentido é, neste caso, capital. Além do mais, o risco de erro aumenta, porque se lida com elementos

isolados, ou com frequências fracas. Donde a importância do contexto. Contexto da mensagem, mas também contexto exterior a este; quais serão as condições de produção, ou seja, quem é que fala a quem e em que circunstâncias? Qual será o montante e o lugar da comunicação? Quais os acontecimentos anteriores ou paralelos? Por outro lado, a abordagem qualitativa evolutiva confronta-se com o perigo de 'circularidade' em maior grau do que a abordagem quantitativa e fixa. As hipóteses inicialmente formuladas podem ser influenciadas no decorrer do procedimento por aquilo que o analista compreende da significação da mensagem. Principalmente neste caso, torna-se necessário reler o material, alternar releituras e interpretações e desconfiar da evidência (existirá uma 'evidência' contrária?), funcionando por sucessivas aproximações. A análise qualitativa que é maleável no seu funcionamento deve ser também maleável na utilização dos seus índices. As manifestações da mesma realidade pela comunicação podem modificar-se rapidamente, particularmente na propaganda ou na psicoterapia, em que as condições de produção, por vezes, se transformam bruscamente. Por outras palavras, os índices são instáveis e uma resistência por parte do analista à mudança será tanto mais nefasta quando o procedimento qualitativo funda a sua interpretação em elementos escassos. (BARDIN, 1977, p. 141-142)

Concluindo que a análise qualitativa se caracteriza pela presença ou não do índice.

2.1.3 A categorização

Essa etapa consiste em dividir os componentes das mensagens analisadas em categorias: "A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo gênero (analogia), com os critérios previamente definidos" (BARDIN, 1977, p. 145). Os critérios para a categorização podem ser: semântico, sintático, léxico e expressivo.

Para categorizar, faz-se necessário duas etapas, o inventário, no qual isola-se cada elemento, e a classificação, na qual divide-se e procura-se uma organização para as mensagens. Essa categorização tem como objetivo "fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados em bruto" (BARDIN, 1977, p. 147).

Para Bardin (1977), a categorização será boa se respeitarem os seguintes critérios: exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade e produtividade.

2.1.4 A inferência

A inferência é uma interpretação controlada a partir de critérios definidos previamente e dos fatos observados pela análise. Pode-se dividir como polos de inferência: a mensagem, o suporte, o emissor e o receptor. O *emissor* seria o produtor da mensagem, em que a própria mensagem representa e exprime o indivíduo (ou grupo de indivíduos). O *receptor* seria o indivíduo (ou indivíduos) sobre o qual a mensagem age ou se adapta. A *mensagem* onde “Qualquer Análise de Conteúdo passa pela análise da própria mensagem. Esta constitui o material, o ponto de partida e o indicador sem o qual a análise não seria possível” (BARDIN, 1977, p. 164). A mensagem pode se dividir ainda em código e significação. E o *canal* seria o instrumento, suporte ou método em que a mensagem se encontra o qual também é passível de inferências.

Tem-se que “a Análise de Conteúdo constitui um bom instrumento de indução para se investigarem as causas (variáveis inferidas) a partir dos efeitos (variáveis de inferência ou indicadores: referência do texto)” (BARDIN, 1977, p. 167). Os indicadores e inferências podem ser os mais diversos possíveis. As inferências ainda podem se dividir em inferências específicas e inferências gerais, sendo as específicas responsáveis por responder uma pergunta direta e as inferências gerais onde se procura saber leis relacionais sobre determinados fatores.

Alguns tipos de inferências possíveis são: os antecedentes da comunicação (que busca assegurar informações militares e políticas, analisar características psicológicas de indivíduos, observar aspectos ou mudanças culturais), as provas de legalidade e de autenticidade (intenções políticas de redatores, autenticidade de uma obra, etc.) e os resultados da comunicação (como, por exemplo, a credibilidade do locutor ou os fatores da exposição seletiva das mensagens).

2.1.5 Informatização da Análise

Ao terminar de apresentar os métodos, Bardin (1977) mostra que a análise de conteúdo pode ser realizada através do computador, porém, ela pode se servir ou não, de acordo com a forma que a análise será realizada, devendo o computador ser programado pelo analista previamente para que siga a análise a partir de critérios específicos definidos pelo Analista de Conteúdo.

2.2 Técnicas

Por fim Bardin (1977) traz em seu livro possíveis técnicas a serem aplicadas à Análise de Conteúdo, são elas: *análise categorial*, de *avaliação*, de *enunciação*, de *expressão* e das *relações*.

2.2.1 Análise categorial

Segundo Bardin (1977), a *análise categorial* consiste em desmembrar o texto em unidades, categorizando-as segundo reagrupamentos. Havendo diversas possibilidades de categorização, a análise temática é mais rápida e eficaz para ser aplicadas a discursos diretos e simples que buscam explorar as significações.

2.2.2 Análise de Avaliação

A *análise de avaliação* procura medir as atitudes e ações do locutor em relação aos objetos de que ele fala, no caso em relação ao conteúdo da mensagem. Essa técnica leva em consideração que “a linguagem representa e reflete diretamente aquele que a utiliza” (BARDIN, 1977, p. 201). Logo, se atem aos indicadores apresentados na fala, ou na forma de comunicação, para a partir deles fazer as devidas inferências e

interpretações. Nessa técnica, procura-se seguir e utilizar para fazer inferências acerca da intensidade e direção das atitudes a fim de definí-las e medí-las.

2.2.3 Análise de Enunciação

A *análise de enunciação* apoia-se na ideia da comunicação como um processo e não como um dado e “funciona desviando-se das estruturas e dos elementos formais” (BARDIN, 1977, p. 215).

2.2.4 Análise Proposicional do Discurso

Essa análise pode ser considerada uma variação da análise temática, buscando resolver problemas de insuficiências de categorias. Assemelha-se a análise do discurso apoiando-se em bases linguísticas, porém, a *Análise Proposicional do Discurso* é uma técnica empírica e fácil de ser aplicada. Tem como objetivo identificar “como e através de que estrutura argumentativa se exprimem as questões e ações dos agentes” (BARDIN, 1977, p. 234).

2.2.5 Análise de Expressão

Na *análise da expressão*, os indicadores utilizados não são de ordem semântica, como na maioria das técnicas, mas sim de ordem formal, ou seja, os significantes (como, por exemplo, a palavra) e a sua organização. Essa técnica baseia-se na hipótese da relação entre o tipo do discurso e as características do locutor ou de seu estado no momento da produção desse discurso.

2.2.6 Análise das Relações

A *análise das relações* procura ater-se as presenças simultâneas de dois ou mais elementos de um mesmo corpo de análise. É basicamente a análise das coocorrências de um determinado índice e como essas ocorrências se relacionam.

Assim, conclui-se que a Análise de Conteúdo é uma leitura “profunda”, determinada pelas condições oferecidas pelo sistema linguístico e que procura a descoberta das relações existentes entre o conteúdo da mensagem com outros aspectos.

Antes de iniciar a análise de conteúdo de letras de Chico Science, principal objeto dessa pesquisa, serão discutidos os conceitos de cidade e em seguida, de urbanização, vez que são as principais categorias de análise a serem utilizadas. Além de um breve levantamento histórico da formação da cidade do Recife

3 A CIDADE

3.1 O conceito de Cidade

Quando se fala em cidade, as pessoas já têm uma ideia do que ela seja, a partir de suas experiências e vivências. Porém, quando se tenta definir um conceito para o que é cidade, as vezes nos embaralhamos e não conseguimos conceituar e verbalizar aquela ideia que temos de cidade. Essa dificuldade nos mostra a necessidade de um maior estudo sobre o tema, a fim de sintetizar todas as diferenças das cidades em apenas um conceito. Observamos também que, muitas vezes, ao nos referimos à cidade, para simplificar o seu conceito, a adjetivamos, por exemplo, como cidade pequena, cidade grande, cidade alta, cidade baixa, cidade de interior, cidade vertical, cidade horizontal etc.

No artigo de Vasconcelos (2015), o autor trata exatamente sobre as metamorfoses desse conceito de cidade que vem alterando-se com o tempo, espaço e perspectiva dada. Que a cidade medieval emuralhada se diferencia muito da cidade atual e sem limites definidos. Além disso, Vasconcelos (2015) mostra o conceito da cidade através de alguns períodos.

Em um primeiro momento traz o *período pré-acadêmico*, no qual é importante ressaltar a visão do urbanista Cerdá (1867) que mostra a cidade como um amontoado de fragmentos de outras épocas, remetendo apenas aos aspectos físicos da cidade.

Em um segundo período, no que o autor coloca como sendo o da *institucionalização das ciências sociais*, ele nos mostra a ampliação desse pensamento sobre cidade e traz o pensamento de Maunier (1910), diferenciando o espaço físico do espaço social.

O terceiro período trazido por Vasconcelos seria o *período entre guerras*, mostrando o pensamento de Robert Ezra Park, que põe a cidade como “um estado de espírito, um conjunto de costumes e tradições, de atitudes e sentimentos organizados, inerentes a esses costumes e que são transmitidos com essas tradições” (PARK, 1925, p. 01).

No quarto período trazido pelo autor, denominado como *pós-guerra*, traz o pensamento de Lynch (1960) de que a cidade é muito mais do que os olhos veem e muito mais do que os ouvidos escutam, mostrando que a cidade vai além do físico e sensorial e vai através de outras dimensões as quais nem sempre podemos imaginar. Além desse pensamento, nesse período, Vasconcelos (2015) nos mostra o conceito de megalópole trazido por Gottmann (1961) em seu livro *Megalopolis*.

No quinto período, denominado pelo autor como o *período da crise atual*, já nos é mostrada uma ampliação do pensamento sobre cidade e urbano, quando são trazidos vários autores que falam sobre conceitos como *espaço urbano*, *cidade difusa* e *cidade global*. Vale ressaltar também, nesse período, o conceito trazido por Castells (1989), de *Cidade-dual*, que traz a ideia de segregação, hierarquia e diversidade dentro da cidade.

Em um último momento, Vasconcelos (2015) traz o *período atual*, também capaz de trazer diversas discussões interessantes para as cidades, que envolvem tecnologia, cibernética, internet entre outras discussões em outros campos. Por fim, Vasconcelos (2015) nos mostra que, a cada período, a cidade se modifica e as discussões sobre ela também. A cidade não é algo estático e imutável, pelo contrário, ela é um organismo vivo que se modifica conforme a humanidade, o mundo e suas novidades; sendo ela o centro de discussão por pesquisadores em diversos campos de estudo, com diferentes pontos de vista.

Lencioni (2008) discute bem o conceito de cidade em seu artigo, “Observações sobre o conceito de cidade e urbano”, no qual ela busca um conceito de cidade no Brasil. Buscando chegar até um denominador comum entre os aspectos diferentes de cidade, a autora vai desde o que é um conceito, o que é a palavra, sua etimologia e quais foram as suas primeiras aparições na língua portuguesa até, enfim, chegar no conceito final. Lencioni (2008) traz, em um primeiro momento, que a cidade é definida, em parte, por ser uma aglomeração, sendo essa uma ideia comum a todas as cidades. Ademais, a autora coloca, em um segundo momento, o proposto por Ratzel, a ideia de sedentarização, ou seja, de que as cidades começam a aparecer depois de uma

sedentarização, excluindo, assim, certos acampamentos do conceito de cidade. Sendo, então, a cidade uma *aglomeração durável* (LENCIONI, 2008). A autora insere também a cidade como um lugar de trocas (mercado) e onde há uma administração pública. Posto isso, Lencioni (2008) ainda coloca que: “Ao falarmos em cidade no Brasil estamos nos referindo a um aglomerado sedentário que se caracteriza pela presença de mercado (troca) e que possui uma administração pública” (LENCIONI, 2008, p. 117).

Fazendo uma comparação com o artigo de Lencioni (2008), temos o livro *O que é cidade*, de Rolnik (1995), que traz a cidade a partir de quatro visões: a cidade como um ímã, a cidade como escrita, a cidade política e a cidade como mercado. A primeira mostra a cidade como um polo de atração, no qual a cidade, a partir de alguma força (seja os serviços, sua geografia, seu mercado, suas possibilidades etc.), atrai as pessoas. Na segunda visão, temos a cidade com uma linguagem própria, sendo, através dos edifícios, ruas, fábricas etc. que nela se encontram, capaz de criar uma memória nas pessoas que ali passam, e a história da cidade possível de ser entendida através dessa linguagem. Já no caso da cidade política, a autora aborda por que viver em comunidade e se relacionar com os outros cidadãos exige certa política ou gerenciamento dessas pessoas para que não haja grandes problemas nessa convivência. Por fim, temos a cidade como mercado, que pode ser simplificada através do sentido de que a cidade, por ser um aglomerado de pessoas, “intensifica as possibilidades de troca e colaboração entre os homens, potencializando sua capacidade produtiva” (ROLNIK, 1995 p.p.25-26).

Esse levantamento, de diversos conceitos de cidades a partir de diversos autores, nos ajudará, na análise, a identificar o que é cidade através das músicas do álbum *Da Lama ao Caos* do grupo Chico Science & Nação Zumbi (CSNZ). Sendo o conceito de cidade mutável com o tempo, com o lugar e com o ponto de vista, é possível observar o que foi retratado a partir do ponto de vista colocado nas letras das músicas.

3.2 Urbanização

A urbanização é o processo em que a população de determinado local se torna mais urbana do que rural, ou seja, a população sai do campo e adquire um novo modo de vida nas cidades, o que também pode ser chamado de êxodo rural. Esse processo ocorre por inúmeros fatores, porém, o principal fator que impulsionou fortemente o processo de urbanização no mundo foram as revoluções industriais. A partir dessas revoluções, as distâncias foram diminuindo cada vez mais, em função das novas tecnologias advindas das inovações tecnológicas – trens, telefones, automóveis etc. –, no decorrer do tempo.

Começaram a surgir as fábricas e indústrias em grande escala. Com o surgimento dessas indústrias, surge também a necessidade de mão de obra, formada por pessoas que saíram do campo em busca de uma melhor oportunidade, e, assim, foram se instalando nas cidades, havendo, dessa maneira, um grande aumento da população urbana em detrimento da população rural, ocasionando no chamado *processo de urbanização*. Com esse aumento populacional repentino, desenfreado e desorganizado nas cidades e por não haver infraestrutura suficiente para acompanhar o crescimento demográfico, surgem diversos fatores negativos, como a violência, o déficit habitacional, a proliferação de doenças, a escassez de água e de alimentos etc.

Esses problemas advindos da urbanização só aumentaram com as guerras mundiais, que destruíram a pouca infraestrutura existente em algumas cidades, em sua maioria europeias, passando-se a proliferar, a partir de então, diversos modelos de cidades, a fim de minimizar os problemas da urbanização. Como exemplos dessas cidades, temos a *Ville Radieuse*, ou cidade radiante, de Le Corbusier, que buscava construir em cima das cidades devastadas pela guerra de acordo com os ideais progressistas do modernismo, com um pensamento global acerca de questões como qualidade de vida, tráfego, ruído, espaço público e transporte. A *Ville Radieuse*, proposta por Le Corbusier, não foi realizada, porém, diversas cidades pelo mundo a utilizaram como fonte de inspiração, como é o caso de Brasília. Com o passar dos anos, principalmente no século XX, esse processo só aumentou, com a população urbana chegando a 54%

da população mundial¹, o que, traduzindo em números, podemos dizer que 3,9 bilhões de pessoas vivem em áreas urbanas, salientando que a população era de 746 milhões em 1950.

No Brasil, o processo de urbanização teve seu auge a partir da década de 1940, onde a população urbana era de 18,8 milhões de habitantes e atinge a marca de 138 milhões de habitantes em 2000 (MARICATO, 2008, p. 16).

Porém, podemos dizer, conforme o pensamento de Maricato (2008), que o processo de urbanização brasileiro sofreu forte influência do trabalho livre, a partir de 1888, e da privatização de terras, em 1850. A lei Nº 601, de 18 de setembro de 1850, ficou conhecida como a Lei de Terras, essa lei garantia o direito à propriedade da terra a quem comprasse esse direito, o que levou grande parte da população que não tinha condições financeiras a não conseguir arcar com esses custos, levando, assim, à marginalização dessa parcela da sociedade.

A partir de então, grande parte da população passou a ocupar áreas informalmente, sendo essas áreas os morros, mananciais, alagados e outras áreas de risco ou de difícil construção e que foram renegadas pelo interesse da iniciativa privada e do governo. Foi a partir desse momento que surgiram as favelas, inicialmente em morros, porém, após algum tempo, se espalhou para os mais diversificados sítios. Formando, então, o que é chamado de *ocupação irregular* ou *ocupação espontânea*.

Após essa ocupação irregular, no final do século XIX e início do século XX, foram realizadas várias reformas urbanas em todo o país, como a reforma do Rio de Janeiro e a reforma de Recife. Essas reformas, que se baseavam nas reformas europeias de Haussman, em Paris, e de Cerdá, em Barcelona, tinham como discurso a melhoria urbana, sanitária, de locomoção etc. Porém, visavam, em sua maior parte, uma melhoria visual e estética das cidades, tentando “limpar” os morros e favelas, o que

¹ Disponível em: <<https://www.unric.org/pt/actualidade/31537-relatorio-da-onu-mostra-populacao-mundial-cada-vez-mais-urbanizada-mais-de-metade-vive-em-zonas-urbanizadas-ao-que-se-podem-juntar-25-mil-milhoes-em-2050>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

acabou apenas afastando a população mais pobre para outras áreas também não valorizadas das cidades.

A partir de 1930, “o estado passa então a investir decididamente em infraestrutura para desenvolvimento industrial, visando substituição de importações.” (MARICATO, 2008, p.17). No entanto, é a partir dos anos 1950 que a industrialização brasileira começa a engrenar. E, no regime militar de 1964, é criado o Banco Nacional de Habitação (BNH), integrado ao Sistema Financeiro de Habitação (SFH), que contribuiu para uma explosão imobiliária, sendo o edifício de apartamento base para a moradia da classe média e alta, a partir da iniciativa privada.

O SFH alimentou a extensão das obras (ou megaobras) de saneamento – particularmente a extensão do serviço de água tratada, ao mesmo tempo em que as obras viárias locais e regionais foram custeadas, principalmente pelos orçamentos estaduais e municipais. (MARICATO, 2008, p.21)

Entre 1940 e 1980, o PIB brasileiro manteve uma média de crescimento bem alta, acima de 7% ao ano (MARICATO, 2008). Porém, essa riqueza permaneceu concentrada nas mãos dos mais ricos, gerando uma maior desigualdade social e contribuindo para uma maior segregação e exclusão dos menos privilegiados.

Após esse período de crescimento, o Brasil entra em um momento crítico, no que diz a respeito à pobreza urbana, e tem-se, em 1980 e 1990, o que alguns autores chamam de *décadas perdidas*. Nessas décadas, houve um grande declínio econômico, no qual o país enfrentou períodos com PIB negativo, além do grande impacto social do desemprego. Somados esses problemas ao fato de uma grande parcela dos pobres estarem alocados nas grandes cidades, ocorre o fenômeno da violência urbana, que é conhecido pela primeira vez pela população nesse período, havendo um grande aumento no número de homicídios nunca antes visto na história do país. Essas décadas perdidas afetaram todas as cidades do país, inclusive, o Recife, como será visto mais adiante neste trabalho. Vale salientar que

A tragédia urbana brasileira não é produto das décadas perdidas, portanto. Tem suas raízes muito firmes em cinco séculos de formação da sociedade brasileira, em especial a partir da privatização da terra (1850) e da emergência do trabalho livre (1888) (MARICATO, 2008, p.23).

A crise urbana, ou tragédia urbana brasileira, se intensifica nesse período, atraindo as pessoas para a cidade, mas ainda, assim, segregando-as, tornando os pobres cada vez mais excluídos da sociedade. Levando, assim, ao enorme crescimento da periferia e, conseqüentemente, ao aumento das favelas, que estão localizadas nas periferias das cidades e áreas não valorizadas. É nessas áreas não valorizadas que a violência urbana predomina, identificando uma relação direta entre ela e a exclusão social – gerada por todo esse aumento do desemprego, das relações informais de trabalho, pobreza etc.

3.3 Urbanização no Recife

Tendo em vista a situação da urbanização tratada no tópico anterior, destacamos que, na cidade do Recife, também não foi diferente; tida como a 5ª (quinta) maior cidade do Brasil em população no ano de 1996, foi atingida por todos os males advindos da urbanização intensa e desordenada. Os problemas urbanos no Recife também não têm data específica, mas foram resultados de séculos de ocupação, em alguns momentos ordenados, em outros não. Será explicado, nesse tópico, um pouco mais do desenvolvimento da cidade do Recife, destacando os principais fatores que levaram ao que se tornou a cidade nas décadas de 1980-1990, que são as décadas a serem estudadas. Será visto também como e porquê o Recife se consolidou em cima dos mangues e alagados e como isso repercutiu diretamente na música de Chico Science.

Segundo Castro (1959), a ocupação do Recife começa com a divisão do Brasil em capitanias, no ano de 1534, por D. João III, na época rei de Portugal. A capitania de

Pernambuco, que se estendia desde o rio Iguaraçu – ao norte – ao rio São Francisco – no sul –, abarcando 60 léguas de costa, foi concedida a Duarte Coelho.

O donatário, por sua vez, ao escolher a capital da sua capitania tomou a cidade de Olinda para esse fim, devido aos seus fatores geográficos e tipológicos que se assemelhavam ao que os portugueses estavam acostumados com suas ocupações.

A monarquia agrária portuguesa, com um atraso secular em sua Idade Média pelo desvio que lhe provocou em sua rota histórica a luta contra o Islã, projetava-se em moldes idênticos deste outro lado do Atlântico. O senhor feudal, cioso de sus domínios e atento à sua defesa contra as incursões do gentio, procura situar-se, como na Idade Média, numa eminência de terra, para melhor descortiná-los e para melhor agir na sua proteção e na sua exploração. Esta, a principal razão que levou o donatário Duarte Coelho a subir as encostas da colina de Marim e a erguer, no topo, o seu burgo medievalesco com o seu convento, a sua praça diante da igreja e o seu castelo em forma de torre, do qual se descortinavam as terras baixas, representadas, para o lado do sul pelas várzeas pantanosas do Beberibe e Capibaribe (CASTRO, 1959, p.45).

O Recife, nesse período, possuía apenas o porto com seus galpões, algumas casas dos oficiais e algumas palhoças. Era uma “povoação criada para servir ao porto e, portanto, como uma consequência direta de sua atividade específica, com sua vida e seu futuro indissolivelmente ligado à cidade do porto” (CASTRO, 1959, p.p.48-49).

Com o passar dos anos, a capitania de Pernambuco prosperou, a partir de suas terras férteis e principalmente da várzea do Capibaribe. A produção de açúcar tornou Pernambuco a mais adiantada das capitanias e “com o crescente movimento do porto, tinha, forçosamente, que crescer a aldeia ou povoação criada para seu serviço” (CASTRO, 1959, p.49). Ao longo dos séculos XVI e XVII já aparecem outras construções que se espalhavam pelo que viria a ser o Recife hoje, um sistema de fortins formado pelo Forte da Laje, o Forte do Picão, o Forte de São Jorge e o Forte do Bom Jesus. E também os engenhos ao longo da várzea do Capibaribe.

Com o crescimento da capitania de Pernambuco, os portugueses mantiveram o monopólio do açúcar no mundo, criando, assim, a cobiça de diversos povos que tentaram retirar esse monopólio das mãos deles. Os holandeses levaram essa ideia a

cabo e chegaram no Recife em 1630 para conquistar e dominar a capitania de Pernambuco. Os holandeses, já acostumados com as terras alagadas e vendo as dificuldades de acesso que a cidade de Olinda tinha com todas suas declividades, decidiram por incendiar a cidade de Olinda e criar uma nova capital para a capitania de Pernambuco, o Recife.

Nenhum povo se identificou, pois, mais intensamente com o seu meio circundante, produto de um continuado esforço de adaptação, do que aquele povo anfíbio, habitante “de um país côncavo, côncavo de três metros abaixo do nível do mar” na expressiva descrição de Ramalho Ortigão (CASTRO, 1959, p. 56).

As terras, que estavam localizadas onde viria a ser o Recife, se pareciam com a terra natal dos holandeses, Amsterdã; logo foi ali que eles decidiram se assentar e, assim, construir uma cidade que servisse ao porto da melhor forma. Essa foi uma escolha de grande importância para o futuro da cidade do Recife, principalmente pela construção em cima das áreas alagadas e áreas de mangue, o que influenciou diretamente a formação urbana da cidade a forma de vida da população e, conseqüentemente, o movimento do Manguebeat, que será visto em outra etapa deste trabalho.

Em 1637, Maurício de Nassau desembarcou em Pernambuco como novo administrador Holandês, dando início ao grande período desse domínio. Foi com Maurício de Nassau que se teve o primeiro planejamento da cidade do Recife, onde ele criou a *Mauritzstadt* – ou Cidade Maurícia, tomando a ilha de Antônio Vaz como sede do seu governo. Sendo a cidade Maurícia criada para servir ao porto do Recife (Figura 1).

Figura 1 - Mapa da Cidade Maurícia de 1639



Fonte: Original manuscrito do Algemeen Rijksarchief, Haia. Disponível em: <<https://www.labtopope.com.br/cartografia-historica/>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

A Cidade Maurícia foi criada com um traçado ortogonal, valorizando os canais que a cortavam, auxiliando, assim, no deslocamento. Para proteção da cidade foram construídos, em suas extremidades, dois fortes aos moldes holandeses, o Forte Hernesto, ao norte da cidade, e, ao sul, o Forte Frederico Henrique ou Forte das Cinco Pontas. Sendo esse o primeiro núcleo urbano da cidade do Recife.

Após o término do domínio holandês sobre Pernambuco, voltando a capitania para as mãos dos portugueses, o desenvolvimento da cidade volta a não ser mais organizado e direcionado, havendo, assim, uma expansão um pouco mais espontânea da cidade, que começou a ocupar, no início do século XVIII, já a parte continental da cidade, onde encontramos hoje o bairro da Boa Vista.

Durante o século XIX, ocorreram as revoluções mais conhecidas da História do Recife. A Revolução de 1817, a Confederação do Equador, de 1824 e a Revolução Praieira, de 1848. O Recife deixou de ser vila, não se subordinava ao poder central, nem estava subordinado a Olinda. Nesse tempo, iniciou-se um grande período de

desenvolvimento da cidade. A elevação à categoria de cidade ocorreu em 1823 (CAMARA, 2015).

Nesse mesmo período, temos a construção do aterro de Afogados, que se estendia no sentido sul da cidade, partindo do Forte das Cinco Pontas, e a reconstrução das pontes que ligam o bairro do Recife à Ilha de Santo Antônio. Segundo Baltar (1959), ainda nesse período, o governador da capitania de Pernambuco, D. Tomás José de Melo, foi de grande importância para o desenvolvimento da Cidade do Recife, pois, em meio a um crescimento desordenado de ruas estreitas e tortuosas, se preocupou com a abertura de largos e praças destinados aos mercados públicos e calçamento de algumas ruas.

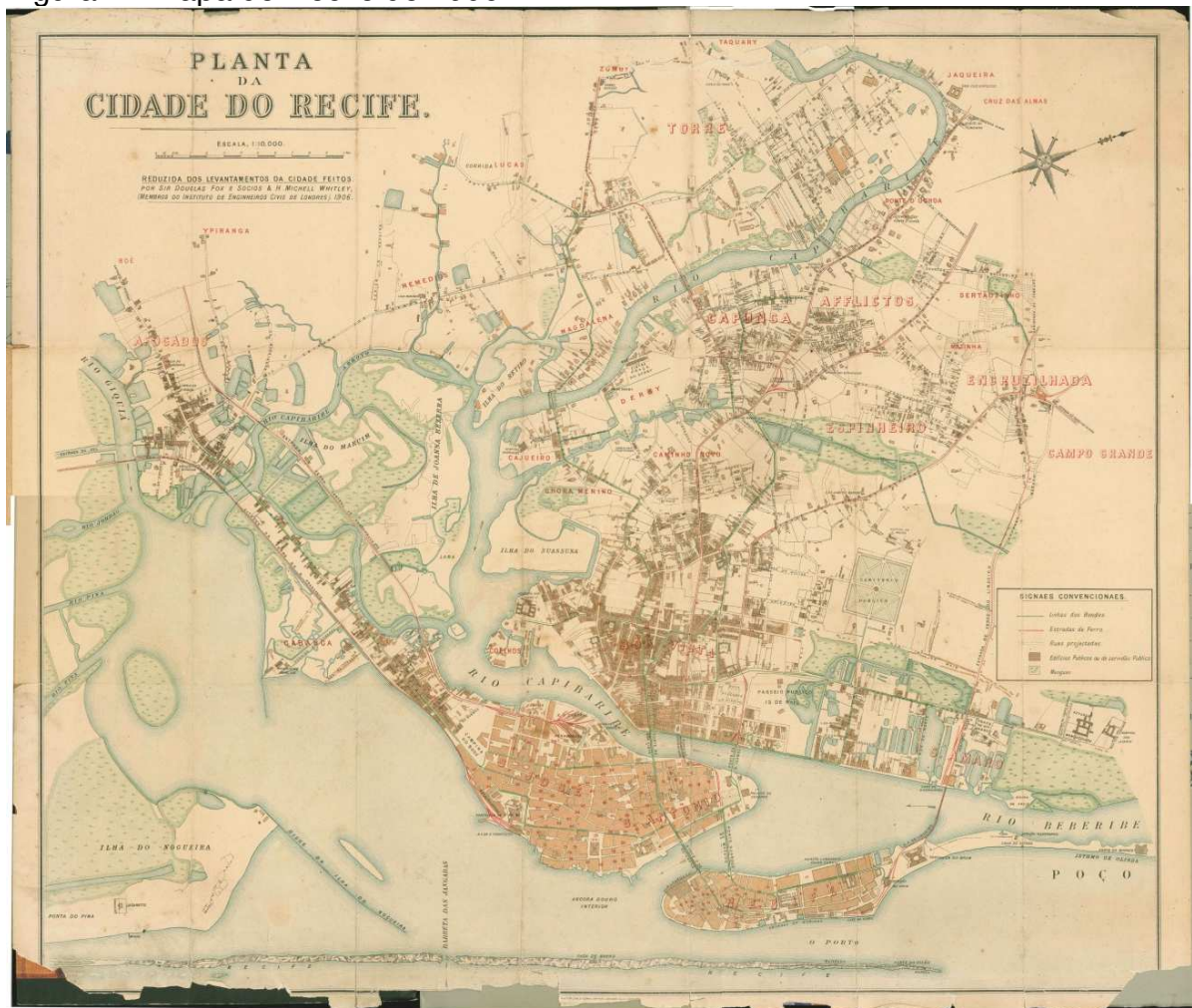
No século XIX, devido a diversos motins e revoltas, também não houve grandes avanços do ponto de vista do desenvolvimento urbano. Porém, é em 1838 que assume o governo da capitania de Pernambuco Francisco do Rego Barros, o Conde da Boa Vista. Ele trouxe ao Recife diversas melhorias, começando pelo sistema viário, foram construídas também diversas estradas ligando o centro urbano às áreas produtoras de açúcar do interior, além disso, o conde ordenou a construção do Palácio das princesas e do Teatro Santa Isabel, além da construção de diversos aterros, a fim de facilitar a expansão da cidade através destes. Dessa maneira, levou a cidade cada vez mais à destruição e ao esquecimento dos mangues e sua vegetação nativa.

Os povoados em que se foram transformando os quadros domésticos dos engenhos, constituídos pelo tradicional triângulo Capela, Casa Grande e Senzala, estenderam-se naturalmente em forma linear ao longo desses caminhos e, assim a morfologia urbana do Recife foi se fixando segundo este esquema, de modo que, nos meados do século XIX, se apresenta já com três tipos de agrupamento nitidamente definidos: um núcleo central, formado por essa época, dos bairros do Recife, Santo Antônio, S. José e Boa Vista; diversos núcleos suburbanos constituindo freguesias ou mesmo povoados e os incipientes ao longo das vias de acesso e ligação entre uns e outro (BALTAR, 1951, p. 46).

Ainda nesse período, o Recife foi pioneiro no sistema de transporte coletivo sobre trilhos na América Latina, o sistema de Machine Pump, máquina-bomba em tradução livre, que ficou conhecido aqui como Maxambomba. Isso criou uma comunicação entre o centro e os povoados nunca antes vista. Esse sistema foi substituído, em 1919, pelo bonde elétrico.

É possível observar, na Figura 2, como o Recife se modificou ao longo dos 300 anos que sucederam o Recife de Maurício de Nassau, observado na figura 1. O aumento dos aterros e do solo construído em detrimento do solo natural e dos rios e mangues.

Figura 2 - Mapa do Recife de 1906



Fonte: Disponível em: <<https://www.labtopope.com.br/cartografia-historica/>> Acesso em: 11 de abr. 2018

O século XX no Recife teve início com o projeto de reaparelhamento e modernização do porto do Recife.

Este projeto de modernização do porto ocorreu dentro de um conjunto de obras, entre 1909 e 1915, que compreendeu a reforma urbana do bairro do Recife, o Plano de Saneamento do Recife de autoria do engenheiro Saturnino de Brito, além de um movimento de estruturação dos organismos de salubridade pública (MOREIRA, 1999, p. 244).

Saturnino de Brito foi um engenheiro sanitarista de grande importância para o desenvolvimento da cidade do Recife. Ele trouxe ideias de fora do país para modernizar o saneamento na cidade, criando um sistema de saneamento utilizado ainda nos dias atuais. Essa reforma foi inspirada diretamente pela reforma francesa de Haussman em Paris, na qual grande parte do núcleo original do bairro do Recife foi destruído com o intuito de abrir grandes avenidas de ligação entre o bairro e outros pontos da cidade e modernização do porto do Recife. A reforma do porto acabou por desconsiderar diversos edifícios de relevância histórica para a cidade, como a Capela do Corpo Santo e os arcos da Conceição e de Santo Antônio, que foram destruídos durante a reforma.

Essa reforma no porto do Recife serviu, em certa medida, para retirar os casebres e sobrados mal construídos e em péssimas condições de salubridade, onde morava uma população de menor renda no bairro do Recife, na tentativa de valorizar o bairro do Recife. Ocorreu o mesmo no Recife que ocorreu no Rio de Janeiro, com destruição do morros e expulsão da população de baixa renda. “[...] aqui a residência pobre desceu para os mangues, lá subiu para as favelas. A diferença de topografia é a responsável. Em ambos os casos ela seguiu direções centrífugas” (MELO, 1950, p.146).

Segundo Moreira (1999), em um segundo momento, no Século XX, mais precisamente de 1922 a 1926, durante o governo de Sérgio Loreto, foram realizadas obras no Recife voltadas para a periferia da cidade. Essas obras foram principalmente

a urbanização da Campina do Derby e a abertura da atual Avenida Boa Viagem. O Bairro do Derby, naquele momento, representava para o Recife o que era de mais moderno na questão da moradia. Influenciado pelas cidades jardins inglesas de Howard, o Bairro do Derby representou uma importante expansão da cidade, contendo avenidas largas e arborizadas, uma grande praça e bosques. Ainda na década de 1920, o Recife é tomado pelos automóveis, que ganham a popularidade nesse momento a partir dos cinemas que passavam as produções hollywoodianas da época, fomentado, assim, a cena cultural na cidade. “Concomitantemente há uma ocupação desenfreada das áreas alargadas por habitações pobres” (MOREIRA, 1999, p. 147).

Na década de 1930, houve o projeto de ampliação do porto, em 1932, conduzido pelo professor Manuel Antônio de Moraes Rêgo, no qual é proposto a expansão do porto, na direção sul, para o cais José Estelita e Cabanga e, na direção norte, com a ocupação da baía de Santo Amaro.

Moreira (1999) ainda nos mostra que, nas décadas de 1930 e 1940, a discussão sobre o urbanismo e o modo de vida na cidade estava no centro do movimento cultural da cidade. Discussão essa que buscava a melhor e mais moderna forma de desenvolver um plano para o futuro do Recife. Isso gerou diversos planos e propostas para a cidade do Recife, que acabou passando por diversas reformas urbanas.

Entre os planos produzidos neste período, pode-se citar o Plano de Remodelação do Bairro de Santo Antônio (1927) de Domingos Ferreira; o Plano de Remodelação e extensão da Cidade do Recife (1932) de Nestor de Figueiredo; o Plano de Remodelação do Recife (1936) de Atílio Corrêa Lima; e as Sugestões ao Plano de Reforma do Recife (1943) de Ulhôa Cintra. Tal debate iria desembocar na Reforma Urbana do bairro de Santo Antônio, concluída no início da década de 40 (MOREIRA, 1999, p. 148).

É a partir de então que se dá a verticalização que tanto caracteriza o Recife hoje, essa mesma verticalização que descaracterizou o Recife na década de 1940. Com a intenção de maximizar o aproveitamento dos terrenos nas áreas centrais,

principalmente no bairro de Santo Antônio, que foi potencializada com a chegada dos elevadores.

Ainda na década de 1930, encontrava-se um grande número de mocambos no Recife. Os mocambos eram construções precárias que se utilizavam de materiais não tradicionais, como palhas, cipós, tapumes, barro entre outros. No Recife, muitos foram construídos acima de estruturas de estacas, também conhecidas como palafitas, nos mangues e alagados.

Nesse período, ainda houve um grande aumento desse número, como nos mostra Lima (1966):

Na área do Recife, que tomemos por modelo, a proliferação do mocambo, segundo resultados da estatística oficial, equivalia, em 1939, a duas vezes o crescimento das casas de alvenaria e taipa, tendo decrescido daí então por efeito de medidas administrativas visando a aperfeiçoar o padrão residencial das populações mais desfavorecidas. (LIMA, 1966, p. 139)

Essas medidas administrativas, as quais Lima (1966) se refere, foi a criação da Liga Social Contra o Mocambo, que buscou varrer o problema dos mocambos, extinguindo-os e proibindo sua futura construção em conjunto com a criação de vilas populares para realocar os seus moradores.

Essas vilas foram construídas baseadas em várias ideias europeias que se discutiam naquele momento, como as de cidade-jardim e unidade de vizinhança. Porém, com a destruição dos mocambos e o remanejamento da população destes para uma nova vila, aumentou o déficit habitacional, pois “para cada quatro mocambos demolidos apenas uma casa foi construída” (MOREIRA, 1999, p. 153). Essa política administrativa, mesmo não dando certo, gerou certo desenvolvimento para a cidade do Recife. O bairro-jardim do Hipódromo é um exemplo de atuação da prefeitura no âmbito habitacional, que se baseou muito na ideia modernista, trazida por Le Corbusier, de *unidade de vizinhança*.

É a partir da década de 1940 que se inicia uma ocupação baseada em construções precárias, em locais inadequados para construção, como os mangues e alagados,

como é muito estudado por Antônio Baltar e Josué de Castro. Os bairros, a partir de então, começam a ficar mais próximos, havendo uma *conurbação* entre bairros, formando uma grande mancha urbana. Surge também a ocupação dos morros nas áreas norte e nordeste da cidade, em detrimento de um menor crescimento dos bairros do centro – Recife, Santo Antônio, Boa Vista e São José –, mostrando a entrada dessas áreas em um processo decadência, que iria ser acentuada mais tarde na década de 1970. O que ocorria na cidade do Recife era basicamente a descentralização da cidade, com o surgimento de novos núcleos, tanto habitacionais como comerciais. É no período dos anos 50 que já se olha para a problemática ambiental, com a observação da perda do equilíbrio entre macha urbana e ambiente natural.

Além disso, é na década de 1950 que ocorre, no Nordeste, um intenso êxodo rural, o que causa uma ampla discussão sobre as disparidades regionais e como minimizá-las. Dois pensadores que fizeram planos para o Recife nesse momento foram Antônio Baltar e o padre Lebret. Baltar possuía um pensamento regional e elaborou *Diretrizes para um plano regional no Recife*, em 1951. Buscando soluções urbanas além dos limites da cidade, como a criação de zonas industriais, cidades-satélites como subnúcleos urbanos, entre outros fatores que buscavam desadensar a cidade, Baltar mesclava ideias da *Carta de Atenas* com as ideias do grupo Economia e Humanismo e o planejamento inglês pós-guerra. Já Lebret, que fazia parte do Movimento Economia e Humanismo de 1954, buscava associar o desenvolvimento econômico com o desenvolvimento humano. A intenção de Lebret era, a partir do conhecimento da lógica e dinâmica do local, locar os equipamentos a fim de garantir um melhor aproveitamento do espaço.

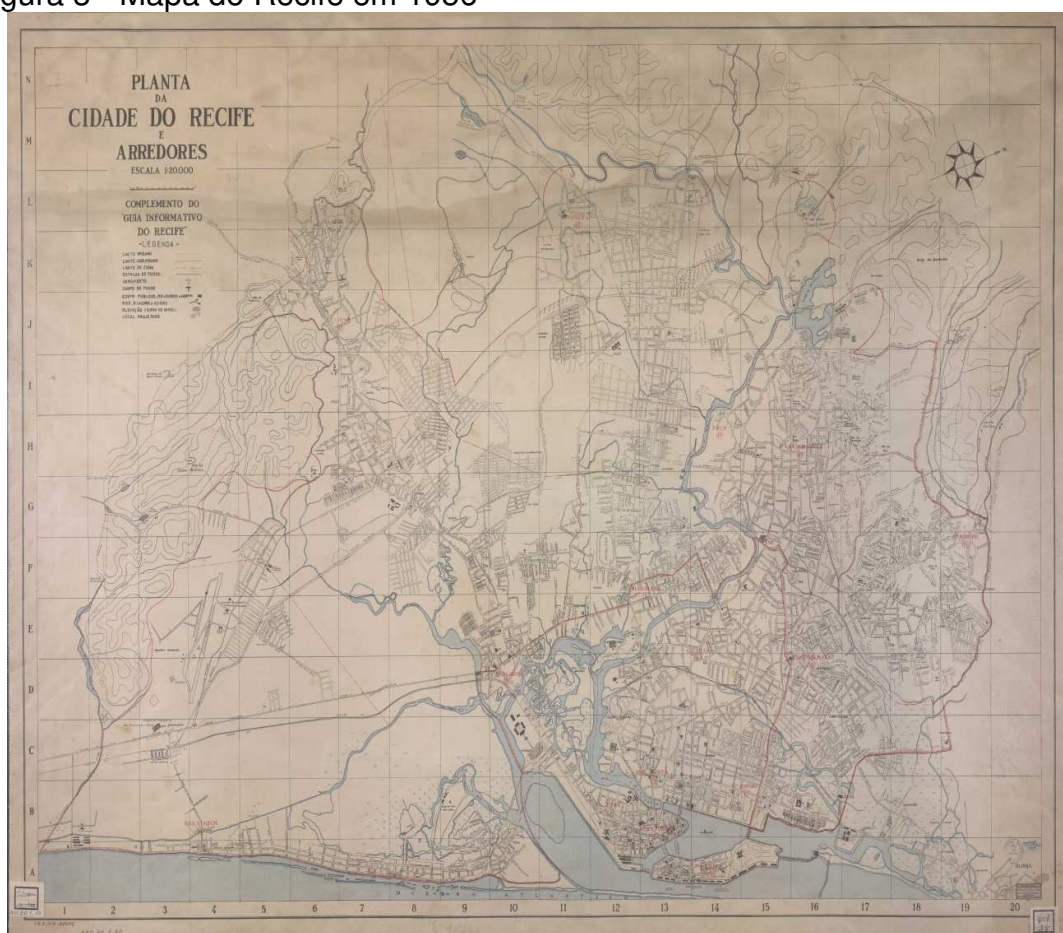
Entre os frutos deste breve convívio entre Lebret e os pernambucanos resultaram dois planos que estão relacionados entre si: “Desenvolvimento e Implantação de Indústrias interessadas a Pernambuco e ao Nordeste” e “Ideias de um zoneamento e de vias rápidas para o Recife” (MOREIRA, 1999, p. 158).

Os planos de Baltar e Lebret não foram realizados, porém, serviram de guia para diversos planos e planejamentos que viriam posteriormente, como, por exemplo, o

Plano Política e Desenvolvimento do Recife Metropolitano, realizado por Miguel Arraes e finalizado em 1962, que teve o próprio Balzar como consultor do plano.

É observado, na Figura 3, como a malha urbana do Recife já esta desenvolvida no ano de 1956 e também a modificação dos aterros e diminuição dos rios em relação às figuras trazidas anteriormente. A cidade do Recife não é mais tão nuclear, tornando-se uma cidade difusa e descentralizada, com diversos núcleos urbanos interligados e conurbados.

Figura 3 - Mapa do Recife em 1956



Fonte: Disponível em: <<https://www.labtopope.com.br/cartografia-historica/>>. Acesso em 13 de abr. 2018.

Nas décadas seguintes de 1960 e 1970, surgiram diversos conjuntos habitacionais, impulsionados pelo Banco Nacional de Habitação (BNH). Esses conjuntos situavam-se em locais mais periféricos e em outras cidades como Jaboatão e Paulista, expandindo, assim, cada vez mais o alcance da cidade e também impulsionando a

conurbação das cidades ao entorno do Recife. É em 1973 que Recife é instituída como Região Metropolitana, a Região Metropolitana do Recife (RMR). Sendo elaborado um plano, em 1975, para toda a região, buscando definir zonas industriais, ambientais, vias de acesso etc.

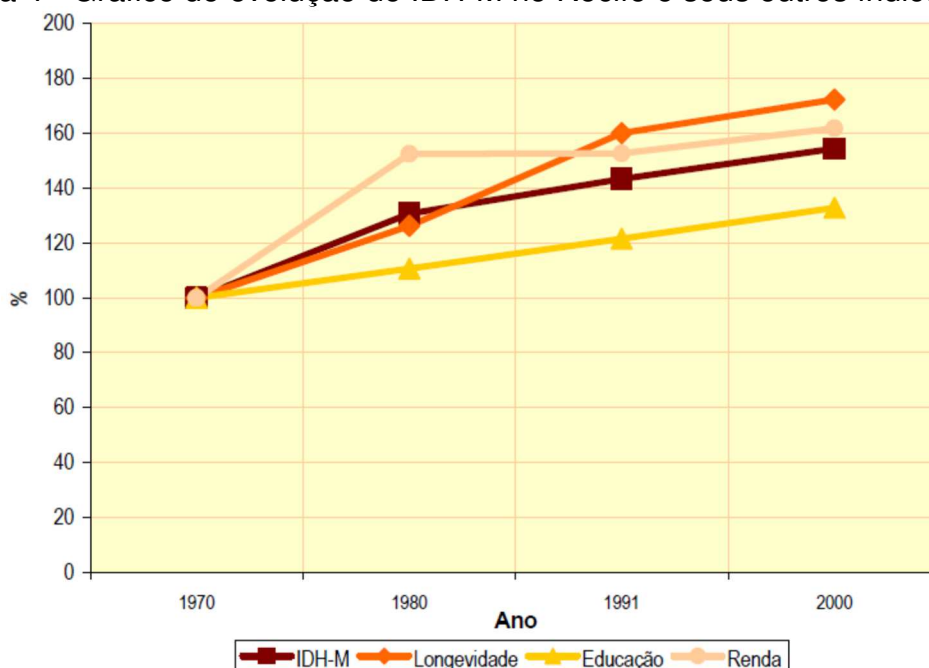
Assim se dá a formação da cidade do Recife desde seus primórdios até a década de interesse, 1980. Vemos que a discussão urbana no Recife é incessante e percorre toda a sua formação, tendo uma maior discussão no século XX, período de maior urbanização, no qual ocorrem diversas reformas e planos para o Recife. Também é possível perceber que a cidade foi fortemente construída por aterros, sobre os rios, mangues e alagados, o que acabou por desvalorizar o ambiente natural em virtude do ambiente construído e habitado. Muitas dessas áreas também foram ocupadas por pessoas de baixa renda por serem renegadas pelo interesse público e privado. Por fim, vemos que temos, no Recife, um desinteresse pelo centro e uma maior ocupação por parte da população das áreas mais periféricas da cidade.

4 MANGUETOWN: O RECIFE NAS DÉCADAS 1980-1990

Nas décadas de 1980 e 1990 – também conhecidas como décadas perdidas –, o país passou por uma crise econômica e social, o que refletiu diretamente nas cidades. O Recife, sendo uma das maiores capitais e regiões metropolitanas, não deixou de sofrer diretamente as consequências dessa crise. Veremos, nesse capítulo, como estava a cidade do Recife, nas décadas de 1980 e 1990, economicamente, socialmente e culturalmente. A fim de perceber como isso influenciou diretamente a produção musical de Chico Science e o levou a representar o Recife e toda a situação presente na cidade em suas letras e músicas.

Os primeiros anos da década de 1980 foram marcados por um período de recessão e a segunda metade da década marcada por uma ameaça constante da hiperinflação. A partir da década de 1990, estabilizou-se a inflação e o país voltou a crescer, com uma maior força na segunda metade desta década. Como podemos observar na Figura 4, uma diminuição no índice renda na década de 1980 na cidade do Recife, refletindo então a crise sofrida.

Figura 4 - Gráfico de evolução do IDH-M no Recife e seus outros índices



Fonte: Atlas de desenvolvimento humano no Recife. Texto analítico: **Recife – Desenvolvimento e Desigualdade**, 2005, p.6.

A renda é um dos subíndices utilizados para calcular o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em conjunto com a longevidade e a educação, forma o que é considerado a base do desenvolvimento humano. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o IDH foi criado por Mahbub ul Haq, em 1990, para oferecer um contraponto ao indicador antes utilizado, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita. O PIB considerava apenas a dimensão econômica do desenvolvimento para classificar o desenvolvimento. O “[...] IDH pretende ser uma medida geral e sintética que, apesar de ampliar a perspectiva sobre o desenvolvimento humano, não abrange nem esgota todos os aspectos de desenvolvimento.” (PNUD, 2018).

O IDH é um índice que varia de 0 a 1, sendo considerado pelo IBGE o desenvolvimento humano muito baixo o IDH entre 0 e 0,499; desenvolvimento humano baixo o IDH entre 0,500 e 0,599; o desenvolvimento humano médio o IDH entre 0,600 e 0,699; o desenvolvimento alto o IDH entre 0,700 e 0,799; e desenvolvimento muito alto o IDH acima de 0,800.

Segundo o IBGE, o IDH do Recife, na década de 1991, era de 0,576 e, em 2000, chegou a 0,660; o que nos mostra a evolução de um IDH baixo para um IDH médio entre os anos de 1991 e 2000. Para o ano de 1980, não foi encontrada essa informação, mas uma aproximação, em função da Figura 04, permite identificar um IDH em torno de 0,510 para a cidade do Recife nesse ano, o que significa desenvolvimento muito baixo.

Observando o aumento do IDH da cidade do Recife, podemos concluir que ele se desenvolveu bastante entre as décadas de 1980 e 1990, representando um aumento do o IDH em 30% nos últimos 20 anos. Pode-se concluir que as décadas de 1980 e 1990, retratadas nas letras de Chico Science, foram, na verdade, as de mais baixo IDH, pois, em 2000, o desenvolvimento da cidade ainda estava no grau médio, só atingindo o grau alto no ano de 2010 (IDH de 0,772).

De certa maneira, a crise econômica e o aumento do desemprego levou há uma maior mobilização social e, conseqüentemente, fortaleceu a luta contra a ditadura vigente ainda na época, que veio a terminar em 1985. Um pouco depois veio a ser

concretizada a Constituição Federal de 1988, considerada por muitos especialistas como uma das mais avançadas do mundo, o que mostra a busca de melhoras no quesito social na época. Na Figura 4, ainda podemos analisar que, apesar da queda da renda na cidade do Recife, o IDH continua a subir. Isto se dá devido ao crescimento dos outros fatores que compõem o IDH, que são a educação e a longevidade. Esses outros fatores continuaram a crescer tanto na cidade do Recife quanto no Brasil, o que ocorreu devido às mudanças democráticas e a uma melhora da economia no final da década.

No entanto, como colocado pelo PNUD, há outros fatores relevantes que merecem ser tocados aqui para falarmos da situação do desenvolvimento do Recife nessas duas décadas.

Um desses fatores é o índice Índice de Gini ou Coeficiente de Gini. Segundo o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), a medida foi criada pelo italiano Conrado Gini em 1912 e serve para medir o grau de concentração de renda de um determinado grupo. O índice costuma comparar os rendimentos dos 20% mais ricos com os 20% mais pobres. Nos dá um resultado que varia entre 0 (zero) e 1 (um), onde 0 (zero) seria uma situação de total igualdade, onde todos teriam a mesma renda, e 1 (um) uma situação onde uma pessoa detêm toda a riqueza do grupo analisado. Não há para o índice de gini uma classificação comparativa (baixo/médio/alto) de desigualdade como a exemplo do IDH, sendo este índice uma medida direta da desigualdade.

Em Recife, o Índice de Gini, na década de 1991, era de 0,6739 e, em 2000, de 0,6789. Comparando com o Índice de Gini de outras capitais brasileiras, como visto na Figura 5, abaixo podemos ver o destaque da desigualdade no Recife diante das maiores capitais brasileiras. Refletindo o Índice de Gini brasileiro nessas décadas (0,6383 em 1991 e 0,6460 em 2000). Como pode-se observar na figura abaixo, não só a capital pernambucana como as outras capitais tiveram um aumento na desigualdade nessas duas décadas. Diferente do Brasil e de outras capitais brasileiras, no Recife esse índice permaneceu subindo, atingindo, em 2010, o valor de 0,6894, já no Brasil a desigualdade diminuiu, com o índice indo para 0,6086.

Figura 5 - Tabela que mostra o índice de Gini em algumas capitais brasileiras

Tabela 3

Porcentagem da renda domiciliar apropriada por faixas da população, nas metrópoles brasileiras 1991 e 2000

Percentual da renda apropriada	Belém	Belo Horizonte	Curitiba	Fortaleza	Porto Alegre	Recife	Rio de Janeiro	Salvador	São Paulo
1991									
Pelos 20% mais pobres	2,63	2,38	3,29	2,27	2,61	1,64	2,30	1,87	2,97
Pelos 40% mais pobres	8,35	7,64	10,11	7,10	8,65	5,55	7,77	6,42	9,63
Pelos 60% mais pobres	17,77	16,93	21,11	15,30	19,51	12,78	17,38	14,54	20,50
Pelos 80% mais pobres	34,70	35,11	40,33	30,66	39,69	28,34	35,34	30,59	39,13
Pelos 10% mais ricos	48,91	47,40	42,78	53,59	42,77	54,17	47,79	52,91	44,48
Pelos 20% mais ricos	65,30	64,90	59,67	69,34	60,32	71,66	64,66	69,41	60,87
Índice de GIII	0,60	0,61	0,55	0,65	0,57	0,67	0,61	0,65	0,56
2000									
Pelos 20% mais pobres	1,95	2,11	2,50	1,85	1,93	1,43	1,96	1,58	2,01
Pelos 40% mais pobres	6,94	7,14	8,27	6,55	7,00	5,28	7,18	6,12	7,38
Pelos 60% mais pobres	15,30	16,10	18,16	14,57	16,66	12,24	16,56	14,17	16,73
Pelos 80% mais pobres	30,68	33,90	36,43	29,84	35,98	27,42	34,52	29,98	34,09
Pelos 10% mais ricos	54,34	48,58	46,74	54,02	46,04	55,07	48,20	53,59	49,21
Pelos 20% mais ricos	69,32	66,10	63,57	70,16	64,02	72,58	65,48	70,02	65,91
Índice de Gini	0,65	0,62	0,59	0,66	0,61	0,68	0,62	0,66	0,62

Fonte: PNUD; IPEA; FJP. Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. 2003. CD-ROM.

Fonte: Figura publicada no texto *Desigualdade de Renda e Pobreza Recife*. Texto analítico publicado no Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife. 2005, p.6.

Ainda nas décadas de 1980 e de 1990, no Recife e na Região Metropolitana do Recife (RMR), houveram diversas modificações. Como podemos ver abaixo, na Figura 6, o aumento populacional, nas décadas de 1970 até a década de 2000, decorrente de diversos fatores, mas muito conectado a questão da migração da população do interior do estado e da própria expansão da população urbana nativa.

Figura 6 - Tabela demográfica da RMR

Tabela 1.1

RMR. População residente e incremento populacional da Região Metropolitana do Recife e dos municípios componentes segundo o nível de integração ao pólo metropolitano (1970-1980-1991-2000)

Região e Municípios	Área (Km ²)	População Residente						
		População 1970	Incremento 1970-80	População 1980	Incremento 1980-91	População 1991	Incremento 1991-2000	População 2000
• Município pólo								
Recife	218	1.060.701	143.198	1.203.899	94.330	1.298.229	124.676	1.422.905
• Municípios de MUITO ALTO nível de integração metropolitana								
Olinda	41	196.342	85.861	282.203	59.191	341.394	26.508	367.902
Jaboatão	259	200.975	129.439	330.414	156.705	487.119	94.437	581.556
Paulista	99	43.994	74.695	118.689	92.802	211.491	50.746	262.237
Sub-Total	399	441.311	289.995	731.306	308.698	1.040.004	171.691	1.211.695
• Municípios de ALTO nível de integração metropolitana								
Abreu e Lima	138	26.065	20.993	47.058	29.977	77.035	12.004	89.039
Cabo de Sto Agostinho	445	75.829	28.328	104.157	22.897	127.036	25.941	152.977
Camaraçibe	51	41.196	46.514	87.710	11.697	99.407	29.295	128.702
Sub-Total	634	143.090	95.835	238.925	64.571	303.478	67.240	370.718
• Municípios de MÉDIO nível de integração metropolitana								
Araçoiaba	96	8.669	212	8.881	1.759	10.640	3.778	15.108
Igarassu	303	37.584	23.765	61.349	7.848	69.197	13.770	82.277
Ilha de Itamaracá	67	7.117	1.139	8.256	3.350	11.608	4.252	15.858
Ipojuca	527	35.851	3.605	39.456	5.968	45.424	13.857	59.281
Itapissuma	75	8.826	3.070	11.896	4.512	16.408	3.708	20.116
São Lourenço da Mata	263	52.820	3.611	56.431	29.430	85.861	4.538	90.402
Moreno	193	31.204	3.739	34.943	4.189	39.132	10.073	49.205
Sub-Total	1.524	182.071	39.141	221.212	57.056	278.270	53.976	332.247
RM Recife	2.775	1.827.173	568.169	2.395.342	524.655	2.919.981	417.583	3.337.565

Fonte: Fundação IBGE. Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000.

Fonte: Tabela publicada do texto *Como anda a Região Metropolitana do Recife*. Observatório das metrópoles, Recife, 2006, p.21.

No período 1980-91, esse incremento populacional ainda foi significativo (42,2%). O município de Paulista, que sedia imensos conjuntos habitacionais, aumenta em cerca de cinco vezes a sua população, entre os anos 70 e 90. O município de Camaraçibe, vizinho a oeste do Recife, também, apresenta um incremento populacional significativo, nos anos 70, duplicando sua população e indicando a expansão do pólo para a periferia metropolitana. Entre os anos 1980/91, os efeitos dessa periferação também se fazem sentir nos municípios de Abreu e Lima e São Lourenço da Mata, que recebem grandes conjuntos habitacionais construídos pela Cohab-PE. Já entre os anos 1991/2000, os efeitos da inversão da política de habitação popular – que substitui a construção dos conjuntos pela urbanização de assentamentos pobres já consolidados, especialmente os localizados no núcleo metropolitano – expressam um maior incremento populacional do Recife, Camaraçibe e municípios que se expandem na periferia da RMR. O município de Ipojuca, incorporado à RMR em meados da década de 90, em virtude da construção do Porto de Suape, apresenta um incremento significativo nessa última década, para o que, também, contribuiu os investimentos turísticos nas praias do litoral sul pernambucano, entre as quais destaca-se Porto de Galinhas, que vem transformando moradias de veraneio em residências permanentes, especialmente de comerciantes atraídos

pela expansão turística deste distrito. (BITOUN, MIRANDA, SOUZA; 2006, p.22)

Como colocado por Bitoun, Miranda e Souza (2006) no texto, o Recife cresce para a periferia e para as cidades vizinhas nas décadas de 1980 e 1990 com a construção de diversos conjuntos habitacionais nas cidades próximas. Porém, nessas últimas décadas também há maiores investimentos nos assentamentos mais pobres. Nesse período, houve a criação das Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS), com o objetivo reconhecer as particularidades das áreas ocupadas e integrar à cidade as ocupações irregulares já existentes. Buscando, assim, preservar essas zonas e, a partir de então, voltar os investimentos para regulamentar e destinar essas áreas aos interesses habitacionais. Nessas ZEIS foram realizadas diversas reformas e urbanizações, que procuram minimizar os problemas sociais e dar mais acesso e infraestrutura para a essa população, integrando-a ao restante da cidade.

Diante dessa migração para as zonas mais periféricas da cidade é observado também um maior abandono do centro, o que ocorreu na década de 1980. Um dos motivos do abandono é o início das atividades do porto de Suape, que deixaram o porto do Recife em segundo plano, fazendo, dessa maneira, com que o bairro do Recife, que nesse momento ainda era muito ligado ao porto, ficasse mais abandonado. A partir de então, o Bairro do Recife passou a abrigar escritórios contábeis e representativos e os bordéis recifenses, os quais ficaram bastante famosos na época. Fazendo, dessa forma, com que os moradores locais também migrassem para outras regiões, deixando o bairro ainda mais vazio. A partir da década de 1990, houveram várias tentativas de requalificação do bairro e recuperação do patrimônio arquitetônico da área.

Outro fator bastante relevante na formação do Recife nessas duas décadas foi a violência urbana. Que cresce bastante em conjunto com o aumento populacional na cidade.

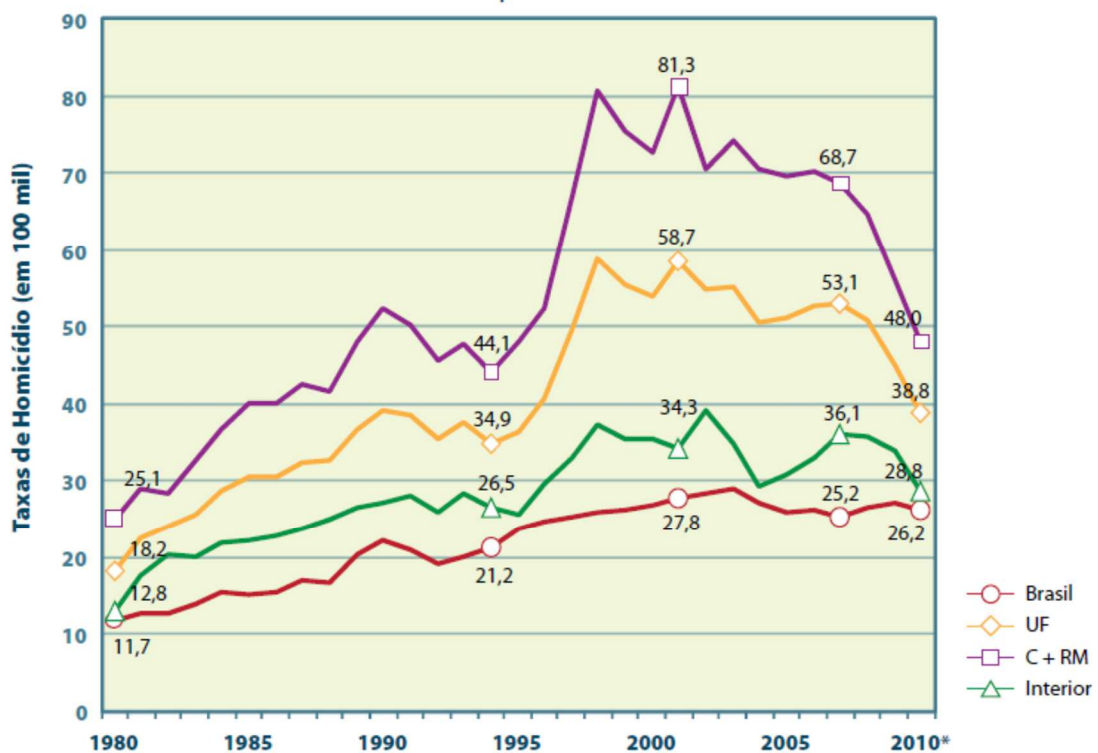
Um aspecto importante a ser ressaltado é que o número de vítimas de homicídios registrados é expressivo entre jovens em idade produtiva e reprodutiva, especialmente

aqueles na faixa de 15 a 24 anos (45%). Ressalta-se também um forte diferencial por sexo, uma vez que, em 2002, o sexo masculino representa a maioria das vítimas de homicídios (94%), na Região Metropolitana de Recife.

O uso da arma de fogo predomina nos crimes de homicídio da região do Recife, e sua utilização cresce de 50% dos homicídios registrados pelo Ministério da Saúde, no ano de 1980, para 80 %, no ano de 2002. Este fato expressa a expansão da violência urbana e a magnitude que esta adquire na metrópole recifense. (BITOUN, MIRANDA, SOUZA; 2006, p.87)

Como podemos ver na Figura 7 abaixo, a taxa de homicídios, na cidade do Recife mais os municípios da RMR, mais que triplica, passando de 25,1 homicídios para cada 100 mil habitantes, em 1980, para 81,3 no ano de 2000 (324%). Ainda podemos ver, na mesma figura, a diferença entre a capital pernambucana e as médias do estado e nacional e do interior do estado, observando uma tendência nesse crescimento, no entanto, muito mais potencializado na RMR.

Figura 7 - Gráfico do crescimento da violência em Pernambuco
Gráfico PE1. Taxas de Homicídio por Área. Pernambuco 1980/2010*



Fonte: SIM/SVS/MS. *2010: Dados Preliminares

Fonte: WAISELFISZ, J., 2011, p.172

Na década de 1980, Recife ainda passava por uma crise cultural, ou um hiato cultural, como colocado por Teles (2000) que chamou essa década de “anos perdidos para a música pernambucana”. Depois da exportação de grandes nomes, como Alceu Valença, Ave Sangria, Robertinho do Recife, entre outros, na década de 1970, a música local, em 1980, não teve notabilidade e os grandes sucessos nacionais saíam do sul e sudeste do país. O que gerou uma inquietação a partir do ponto de vista cultural. E no qual fomentou-se a união das bandas e produtores para inovar o cenário cultural pernambucano.

É nesse cenário que ocorre o surgimento do Manguebeat: diante da crise financeira nacional, da expansão da cidade para além dos seus limites, do crescente aumento da violência urbana e do aumento da desigualdade. Fatores que aparecem direta ou indiretamente nas letras e músicas de Chico Science. Além disso, aparece também, nas canções, a busca por uma cultura pernambucana retratada pelo nacionalismo e regionalismo, mas também pela globalização e universalidade tratadas por Chico.

5 O MANGUEBEAT

O movimento Manguebeat foi um movimento sociocultural que surgiu na cidade de Recife, no final da década de 1980 e início da década de 1990, e misturou ritmos regionais com outros ritmos internacionais contemporâneos em ascensão, como o rock, hip-hop, funk, *soul* e música eletrônica. Além disso, trouxe, em vários aspectos, diversas dicotomias:

O Manguebeat se constituiu a partir de uma visão cultural que se concentra no descentramento, no elogio ao exótico, no multiculturalismo e na quebra dos binarismos que norteavam a concepção de cultura desde o começo do século XX. Centro X periferia; Popular X Erudito; Nacional X Internacional são algumas das dicotomias retomadas e que se tenta superar na nova visão cultural dominante a partir dos anos 90 (OLIVEIRA, 2014, p. 1).

O movimento surge, principalmente, como uma crítica social devido à situação em que se encontrava a cidade, com sua violência, sua degradação urbana e ambiental e o descaso dos cidadãos. A mesma cidade que foi trazida como a quarta pior cidade do mundo para se viver, segundo pesquisa realizada pelo *Institut Population Crisis Commitee*, de Washington, no ano de 1990. Fato que é retratado na música *Antene-se* posteriormente analisada nesta pesquisa.

O movimento Manguebeat traz também duas críticas:

A primeira se referia aos artistas, nominalmente do movimento armorial², que tentavam defender certa “pureza” ou “autenticidade” da cultura musical regional perante a “invasão” das músicas “impostas”

² O movimento armorial foi um movimento, criado pelo paraibano, naturalizado pernambucano, Ariano Suassuna, o qual buscava, através da valorização da cultura nordestina do interior, a valorização da cultura nacional. Foi um movimento nacionalista que atingiu, assim como o manguebeat, diversas cenas como: o cinema, o teatro, a literatura, a música etc.

pelas mídias de São Paulo e Rio de Janeiro, onde se concentravam os principais agentes do mercado musical. A segunda era as emissoras de rádio e TV com suas programações viciadas que não se abriam à diversidade da música local e não divulgavam novos trabalhos (VARGAS, 2015, p. 60).

Em sua origem, os meios musical e artístico da cidade do Recife já sentiam a sua degradação tanto cultural quanto urbana e buscavam de diversas maneiras a valorização da cidade, da cultura e do modo de viver recifense.

Um grande responsável pelo movimento é Francisco França, que passou a ser conhecido como Chico Science, que também foi um dos seus fundadores. Segundo Teles (2000), Chico Science nasceu em uma família de classe baixa, onde o pai chegou a ser vereador da cidade de Olinda. Chico também não chegou a viver do caranguejo, mas como os manguezais ficavam bem próximos de sua casa, no bairro de Rio Doce, teve sua vivência também no mangue.

No início da década de 1980, Chico já participava de bandas de hip hop, o como B-Boy³. No final da mesma década, participou, agora como vocalista, da banda Loustal, onde também tocavam Lucio Maia, Vinicius Sette, Alexandre Dengue e Jorge Du Peixe, posteriores participantes também da Chico Science & Nação Zumbi. Em outro momento, Chico Science se juntou com a banda de samba-reggae e maracatu Lamento Negro e teve uma *Jam Session*⁴, onde misturou os sons trazidos pela banda de samba-reggae com os elementos musicais de suas referências⁵ e chamou a mistura de Mangue. Esse conceito de Mangue foi passado para Fred 04 e demais pessoas que participavam do meio artístico dessa época, que ficaram apaixonados

³ B-Boy - Nome dado à pessoa dedicada ao estilo de dança de rua pertencente a cultura hip hop conhecida como *Breakdance*.

⁴ *Jam Session* - Termo utilizado para designar sessões de experimentação musical baseada em improvisação.

⁵ As referências de Chico eram músicas de origem americanas conhecidas como *Black Music* como: Soul, Funk, Jazz, Blues, Rap, Hip hop; além de músicas de origem africana como *Afrika Bambaataa*, e outros ritmos brasileiros.

pelo termo responsável por traduzir muito mais do que eles mesmos já pensavam sobre a cidade, além do momento difícil pelo qual a cidade passava. Segundo Teles (2000), o ritmo, inicialmente chamado de *Mangue*, passou a ser chamado posteriormente de *Manguebit*, sendo esse bit um acréscimo colocado por Zero Quatro, e posteriormente Manguebeat, sendo o último modificado pela imprensa e adotado pelos cidadãos recifenses. A banda Loustal se juntou com o grupo de samba-reggae Lamento Negro para formar a banda Chico Science e Nação Zumbi (CSNZ).

A primeira exposição conceitual do movimento Manguebeat vem com o manifesto “Caranguejos com Cérebro”, escrito por Fred 04, vocalista da banda Mundo Livre S/A, em 1992, o qual trouxe 3 conceitos básicos a serem explorados pelo movimento:

Mangue (o conceito):

Não é por acaso que os mangues são considerados um elo básico da cadeia alimentar marinha. Apesar das muriçocas, mosquitos e mutucas, inimigos das donas-de-casa, para os cientistas são tidos como símbolos de fertilidade, diversidade e riqueza.

Manguetown (a cidade):

A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex) cidade **maurícia** passou desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais.

Em contrapartida, o desvairio irresistível de uma cínica noção de **progresso**, que elevou a cidade ao posto de **metrópole** do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade.

Bastaram pequenas mudanças nos ventos da história, para que os primeiros sinais de esclerose econômica se manifestassem, no início dos anos setenta. Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada a permanência do mito da **metrópole** só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano.

Mangue (a cena).

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o

coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife.

Dentro do manifesto, Fred 04 ainda traz um conceito identitário, o de *mangueboys/manguegirls*:

Hoje, os mangueboys e manguegirls são indivíduos interessados em hip-hop, colapso da modernidade, Caos, ataques de predadores marítimos (principalmente tubarões), moda, Jackson do Pandeiro, Josué de Castro, rádio, sexo não-virtual, sabotagem, música de rua, conflitos étnicos, midiotia, Malcom Maclaren, Os Simpsons e todos os avanços da química aplicados no terreno da alteração e expansão da consciência.

O manifesto foi exposto no encarte do álbum *Da lama ao caos*.

Posteriormente, Chico Science, junto com a banda Nação Zumbi, lançou dois CDs, *Da Lama ao Caos (1994)* e *Afrociberdelia (1996)*, os dois álbuns classificados entre os 100 melhores álbuns brasileiros, segundo a revista Rolling Stones, um em 13º e outro 18º. Os álbuns traziam neles elementos da cidade do Recife, dos seus Homens Caranguejos e do seu modo de vida, elementos folclóricos locais, além de diversas críticas sociais e ao abandono do mangue.

Uma das grandes influências para o surgimento do movimento Manguebeat foi o médico e geógrafo Josué de Castro. Autor de obras como: *Geografia da Fome: o dilema brasileiro, pão ou aço*; *Geopolítica da fome*; *O livro negro da fome*; *Sete palmos de terra e um caixão*; *Homens e caranguejos*. Sendo o último desses livros o maior influenciador de Chico Science e do movimento Manguebeat. Nele encontra-se o conceito de homens-caranguejos, utilizado como metáfora em diversas músicas cantadas por Chico, no qual estes seriam cidadãos do Recife e moradores do mangue e que deles tiram o seu sustento. Essa espécie de homem faz parte do ciclo-do-caranguejo, outro conceito trazido por Josué de Castro e também utilizado por

Science, em que a lama que é misturada com urina, excrementos e outros resíduos trazidos pelo mar é comida pelo caranguejo, que nasce na lama e vive dela. Esse caranguejo, por sua vez, se alimenta da lama e, a partir dela, gera o seu corpo, as carnes contidas nos seus cascos. Carnes essas que são comidas pelos homens que vivem na lama e da lama. E o que não é aproveitado pelo organismo desses homens, volta como detrito para a lama do mangue, para novamente virar caranguejo. Completando, assim, o ciclo-do-caranguejo.

Dessa maneira, o Mangubeat traz o conceito baseado na diversidade do ecossistema, conhecido como mangue, fazendo a mescla de diversos sons e culturas para um produto final, que seriam os “caranguejos antenados”, utilizando-se da metáfora do mangue, ecossistema com uma biodiversidade tão grande, para a diversidade da música que eles criaram. O movimento não se conteve apenas à cena musical, mas contaminou outras formas de expressão artísticas, como a moda, o cinema e as artes plásticas, misturando a pluralidade encontrada no mundo moderno.

6 A ANÁLISE

Neste capítulo será realizada a análise das letras de Chico Science, buscando relacionar os temas e índices tratados nessas letras a partir da metodologia da análise de conteúdo trazida no primeiro capítulo deste trabalho.

Esta análise foi realizada a partir da *técnica de análise categorial* trazida por Bardin (1977) e já explicada anteriormente. As categorias escolhidas foram definidas tanto a priori quanto durante análise, pois foram aparecendo novas categorias à medida que análise foi realizada. As categorias definidas foram: **violência, elementos urbanos, segregação espacial, desigualdade socioeconômica, fome, exploração da população, fatos históricos, ocupação do espaço público, degradação ambiental, identidade, degradação urbana, Josué de Castro, consciência social, conceito de cidade, globalização, mídia.**

Também foi escolhido um *corpus* de análise composto pelo disco *Da Lama ao Caos* e, mais especificamente, as seguintes canções: *Banditismo por uma questão de classe; Rios, Pontes e Overdrives; A Cidade; A Praieira; Da Lama ao Caos; Maracatu de Tiro Certo; e Antene-se*. A escolha dessas músicas se deu pelo tratamento que elas dão ao tema Cidade, que é o objeto de estudo da pesquisa. Outras músicas foram observadas superficialmente e a elas foram feitas algumas inferências a fim de ilustrar a obra como um todo. Todas as letras das músicas estão contidas no Anexo A, para um maior acompanhamento da obra

Para ser realizada a análise, juntamente com a escolha dos índices e objetos de análise, parte-se do objetivo de buscar observar como a cidade do Recife é retratada nas letras das músicas do grupo CSNZ.

O Quadro 1 a seguir mostra a relação entre as músicas do álbum *Da Lama ao Caos* com as categorias definidas, mostrando em quais músicas ocorrem certas categorias. Categorias que foram escolhidas devido a sua relevância, ao objetivo da análise e a sua presença nas canções.

Quadro 1 - Músicas relacionadas às categorias

MÚSICAS	CATEGORIAS DE ANÁLISE															
	Violência	Elementos urbanos	Segregação espacial	Desigualdade socioeconômica	Fome	Exploração da população	Fatos históricos	Ocupação do espaço público	Degradação ambiental	Identidade	Degradação urbana	Josué de Castro	Consciência social	Conceito de cidade	Globalização	Mídia
<i>01-Monologo, ao pé do Ouvido</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>02 - Banditismo por uma questão de classe</i>	X	X	-	X	X	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	X
<i>03 - Rios, Pontes e Overdrives</i>	-	X	-	X	X	-	X	-	-	-	-	X	-	-	-	-
<i>04 - A Cidade</i>	X	X	X	X	-	X	-	-	X	-	-	-	X	X	-	-
<i>05 - A Praieira</i>	-	X	-	-	-	-	X	X	-	-	-	X	-	-	-	-
<i>06 - Samba Makossa</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>07 - Da Lama ao Caos</i>	X	X	X	X	X	X	X	-	X	-	X	-	-	-	-	-
<i>08 - Maracatu de tiro Certoiro</i>	X	X	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-	X	-	-	X
<i>09 - Salustiano Song –Instrumental</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>10 - Antene-se</i>	-	X	X	X	-	-	X	X	-	X	-	X	-	-	X	-
<i>11 – Risoflora</i>	-	X	-	-	-	-	-	X	-	X	-	-	-	-	-	-
<i>12 - Lixo do Mangue</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>13 - Computadores Fazem Arte</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>14 - Coco Dub (Afrociberdelia)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: o autor, 2018

A seguir, será dado início à análise de conteúdo, será feito uma breve explicação sobre o álbum e, posteriormente, será analisado, música por música, a forma como Chico Science & Nação Zumbi retratou a cidade do Recife. Em um primeiro momento, será feita uma breve explicação da música, depois, a partir de cada categoria definida, serão expostos os textos que indicam a escolha da categoria e, logo após o trecho, tendo-o como base, serão feitas as inferências sobre o tema.

6.1 Da Lama ao Caos (álbum)

O disco escolhido, para este trabalho, é o que melhor trata o tema da cidade nas canções de Chico Science & Nação Zumbi. Ele foi o primeiro álbum de estúdio da banda, lançado em 1994, e é considerado um clássico da música brasileira. O álbum foi classificado entre os 100 melhores discos da música brasileira pela revista Rolling Stones ocupando a 13ª colocação⁶. Foi produzido por Liminha⁷, que teve dificuldade de assimilar o som inovador da banda e frustrou alguns fãs e músicos ao “limpar” mais o som das músicas.

Figura 8 - Capa do álbum *Da Lama ao Caos*



Fonte: Disponível em <<https://www.allmusic.com/album/da-lama-ao-caos-mw0000125760/credits/>>. Acesso em 04 de jun. 18.

⁶ Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/listas/os-100-maiores-discos-da-musica-brasileira/bida-lama-ao-caosi-chico-science-nacao-zumbi-1994-chaossonyb/> acesso em 04 de abr. 18.

⁷ Experiente produtor que produziu bandas como: Gilberto Gil, Caetano Veloso, Titãs, Paralamas do sucesso, Ira! Além de muitas outras.

6.1.1 *Monologo ao Pé do Ouvido*

(Sem autoria no encarte do CD)

A primeira música do CD é introdutória ao som da banda Chico Science e Nação Zumbi e sua proposta ideológica buscando renovar as visões existentes e conscientizar pessoas pela luta do coletivo. Faz também referência a ídolos americanos, como Zumbi dos Palmares⁸, Emiliano Zapata⁹, Augusto César Sandino¹⁰, Antônio Conselheiro¹¹, Os Panteras Negras¹² e Lampião. Todos esses ídolos considerados bandidos em suas lutas. A música também é utilizada como introdução à música seguinte, *Banditismo por uma questão de classe*. A música *Monologo ao Pé do Ouvido* é uma música sem melodia e nos traz diversos questionamentos sobre o som da banda e sua proposta. A música é importante para o entendimento de toda a obra da banda CSNZ e o contexto do álbum, porém não trata a cidade como foco que é o procurado nesta análise.

6.1.2 *Banditismo por Uma Questão de Classe*

(Música de Chico Science)

Nesta música, vemos um questionamento acerca da origem da violência, fazendo muitas vezes inversão de valores entre bandido e vítima. Essa música foi escolhida para compor o corpus dessa análise, pois se enquadra nas seguintes categorias:

⁸ Zumbi dos Palmares foi um importante líder revolucionário quilombola. Um dos últimos líderes do quilombo dos palmares.

⁹ Zapata foi um importante líder na Revolução Mexicana de 1910 contra a ditadura e é considerado um dos heróis nacionais mexicanos.

¹⁰ Sandino foi um revolucionário da Nicarágua contra a presença militar dos Estados Unidos no país também considerado um herói nacionalista e que foi criado em sua homenagem a FSLN – Frente Sandinista de Libertação nacional.

¹¹ Antônio Conselheiro líder religioso e líder do arraial dos canudos.

¹² Panteras Negras criado como um partido político que lutava principalmente contra a segregação racial estadunidense.

Violência, Elementos urbanos, Desigualdade socioeconômica, Fome, Fatos históricos e Mídia.

Violência:

A música “Banditismo por uma questão de classe” traz como temática principal a violência urbana em toda a sua letra, mas já podemos observar isso a partir do termo *banditismo*. Esse termo, muito ligado ao cangaço no sertão, pode ser colocado como estilo de vida do bandido ou maneira de se comportar do bandido. Levantando o questionamento de quais são os motivos que levam a esse banditismo e quem são esses bandidos, Chico Science nos mostra, em sua letra, os dois pontos de vista: tanto do banditismo policial e político, e como essas classes tratam a população, quanto o banditismo de uma classe mais pobre em busca da libertação da pobreza e da fome.

Ainda é possível observar a violência retratada da seguinte forma:

A violência é retratada em três dimensões: a psicológica, como maldade individual; outra social, como única salvação do pobre e oprimido pela sociedade que não lhe dá apoio; e ainda de acordo com a antiética do bandido-herói, que rouba rico para dar ao pobre. (VARGAS, 2007, p. 139)

*Em cada morro uma história diferente
Que a polícia mata gente inocente*

No trecho acima, vemos um exemplo da violência policial retratada por Chico Science, ao observarmos os morros e as periferias como áreas que mais ocorriam a violência e o grande número de assassinatos de pessoas inocentes por policiais. Algo que ocorre a partir do processo de urbanização com a necessidade de segurança pública e um baixo período de tempo para implementação de algumas medidas.

*Acontece hoje e acontecia no sertão
Quando um bando de macaco perseguia Lampião
E o que ele falava outros hoje ainda falam
“Eu carrego comigo: coragem, dinheiro e bala”*

Neste trecho podemos ver a continuação de um legado de violência presente no Nordeste, neste caso pelo cangaceiro Lampião. Esse legado é muitas vezes passado

a partir da migração do interior do estado para capital por causa do processo de urbanização e que é continuado pelos bandidos modernos.

Elementos físicos:

Oi sobe morro, ladeira, córrego, beco, favela

O autor da música nos mostra, já nas primeiras músicas, a associação direta com a cidade, retratando elementos físicos urbanos nas suas canções. Compondo, para nós, uma certa imagem da cidade retratada por ele, nos mostrando um lado mais periférico da cidade, onde se encontram áreas de risco, como os morros e áreas renegadas pelo poder público, que acabaram por gerar becos, favelas e outros reflexos das ocupações irregulares, mostrando, assim, que essas áreas acabaram por se tornar áreas de difícil acesso para a população residente nelas. Isto pode ser visto pelo uso do verbo subir no verso em questão.

Desigualdade socioeconômica:

Banditismo por uma questão de classe!

No trecho acima, e que também título da música, Chico Science expõe que a violência ou o *banditismo* é uma questão de classe, pois, em sua letra, expressa que as classes mais pobres são bandidas por necessidade, principalmente por causa da desigualdade econômica e social que elas tentam vencer. E, no seu ponto de vista, as classes dominantes são bandidas por maldade, pois elas têm a finalidade de explorar essas classes mais pobres. Essa canção nos faz refletir sobre a origem da violência, gerada pela questão da desigualdade entre as classes. Tanto a violência das classes dominantes, a repressão, a seletividade das punições, entre outros fatores, quanto violência das classes dominadas para sair dessa situação, e como um reflexo direto da violência sofrida.

Fome:

*E quem era inocente hoje já virou bandido
Pra poder comer um pedaço de pão todo fudido*

Nesse trecho, Science faz uma relação entre a fome e a violência, trazendo essa fome como um dos fatores que levaram e levam ao crescimento da violência nas cidades,

onde os cidadãos, ao chegarem em uma situação de falta de comida, se tornam bandidos para tentarem conseguir suprir suas necessidades básicas.

Fatos históricos:

*Galeguinho do Coque não tinha medo, não tinha
Não tinha medo da perna cabeluda
Biu do olho verde fazia sexo, fazia
Fazia sexo com seu alicate*

Nos fatos históricos, vemos uma referência aos causos urbanos acontecidos na época conhecidos como “Galeguinho do Coque” e “Biu do Olho Verde”¹³, dois criminosos sexuais que praticaram seus crimes nas décadas de 1970, na cidade do Recife, sendo que o segundo traz a prática dos seus crimes com um alicate também retratado no trecho abaixo. A música traz também a lenda urbana da “Perna Cabeluda”, que foi um boato criado pelo jornalista J. Ferreira e divulgado por Raimundo Carrero, no qual uma perna cabeluda assombrava a cidade; o caso foi aproveitado pelas mídias sensacionalistas, gerando uma onda de medo na população.

*Acontece hoje e acontecia no sertão
Quando um bando de macaco perseguia Lampião
E o que ele falava outros hoje ainda falam
“Eu carrego comigo: coragem, dinheiro e bala”*

13

“Nos jornais das décadas de 1970 e 80, é possível identificar dois capítulos na saga de José Everaldo Brito, vulgo Galeguinho do Coque. Em um primeiro momento, apavorou a população por causa de seus assaltos à mão armada. Depois, ressurgiu como pastor evangélico, com emprego na Câmara dos Vereadores de Jaboatão.[...] Identificado pela cor do olhos, pela ousadia de seus crimes e por ser bastante sedutor, Biu do Olho Verde (João Vicente Valentim Silva) é um exemplo de bandido cuja fama é uma mistura entre realidade e ficção. Ele realmente aterrorizou os moradores de Olinda e Recife na década de 1970, com direito a manchetes em jornais, mas uma de suas marcas registradas é pura invenção: beliscar os bicos dos seios de suas vítimas. Isso nunca foi provado, testemunhado ou denunciado e o próprio Biu negou em entrevistas. A criminalidade atingiu a vida de Valentim por causa de sua infância marcada por maus tratos, sofrimento e privações, como revela um documentário, lançado em 2003, dirigido pelas jornalistas Karllilian Magalhães, Amanda Dantas e Talitha Accioly. Preso pela primeira vez aos 16 anos de idade, ele passou 18 anos na cadeia e morreu aos 34, em 1995, vítima de Aids.”(DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2015)

No trecho acima, o autor da música faz uma referência direta a Lampião, um dos bandidos mais perseguidos no sertão, e nos mostra a continuação de seus princípios dentro da cidade contemporânea com os novos bandidos.

Mídia:

*Há um tempo atrás se falava em bandidos
Há um tempo atrás se falava em solução
Há um tempo atrás se falava em progresso
Há um tempo atrás que eu via televisão*

Aqui vemos a forma como Chico Science retratou a mídia, afirmando que deixou de ver televisão e que as questões sociais retratadas pela mídia não mudaram. E que essa mesma mídia divulgava discursos de solução dos problemas sociais e do progresso da cidade e população, porém sem haver mudança na situação real. Podemos observar também o descrédito nessa mídia que fala de progresso e solução inexistentes, como é possível observar no capítulo 3. E também o não questionamento de quem são e quais são as motivações desses bandidos de quem ela fala.

6.1.3 Rios, Pontes E Overdrives

(Música de Chico Science & Zero Quatro)

A música trata principalmente da temática da cidade do Recife, compondo, para nós, uma paisagem sonora da cidade, principalmente através dos elementos urbanos nela contidos. Essa música foi escolhida para compor o corpus dessa análise, pois se enquadra nas seguintes categorias: **Elementos urbanos, Desigualdade socioeconômica, Fome, Fatos históricos e Consciência social.**

Elementos urbanos:

*Rios, pontes e overdrives
Impressionantes esculturas de lama
Mangue, mangue, mangue, mangue, mangue, mangue, mangue!!!!*

A música traz como o tema principal a representação da cidade do Recife e faz um retrato dela mostrando seus rios, suas pontes e seus *overdrives*¹⁴, sendo o último a produção do rock pernambucano que utiliza muita vezes o efeito de *overdrive* em suas guitarras. Pode-se observar também como posto por Vargas (2007). Ainda no trecho acima, é mostrado como tudo isso é feito regionalmente e a partir do mangue, onde o Recife está situado, pois é a partir da diversidade recifense (*mangue*) que são produzidas culturas e estruturas (*Impressionantes esculturas de lama*). Outro ponto de vista atentado por Vargas (2007) ao trecho é que a escultura de lama, a quem Chico se refere, são os catadores de caranguejo que ficam cobertos por lama ao saírem dos mangues, o que ajuda mais ainda ao autor ilustra a paisagem recifense.

*E a lama come no mocambo e no mocambo tem molambo
E o molambo já voou, caiu lá no calçamento bem no sol do meio-dia
O carro passou por cima e o molambo ficou lá
Molambo eu, molambo tu, molambo eu, molambo tu*

Aqui os autores nos mostram uma referência aos mocambos, construção muito encontrada no Recife, além de mostrar a situação de vivência na rua dos moradores desses mocambos (*molambos*).

*É macaxeira, Imbiribeira, Bom pastor, é o Ibura, Ipsep, Torreão, Casa Amarela
Boa Viagem, Genipapo, Bonifácio, Santo Amaro, Madalena, Boa Vista
Dois Irmãos, é o Cais do porto, é Caxangá, é Brasilit, Beberibe, CDU,
Capibaribe, é o Centrão, eu falei.*

O trecho acima traz a variedade de bairros contidos na cidade do Recife, criando, assim, uma imagem dela a partir seus bairros. Coloca ai também os dois principais rios que cortam a cidade, Beberibe e Capibaribe. E a relação com o centro, trazido por ele como *Centrão* que seria composto pelo bairro do Recife e os bairros adjacentes. É trazido por Vargas (2007) que este trecho foi escrito por Otto¹⁵ e fazia parte de um jingle para uma campanha política da prefeitura do Recife.

¹⁴ Efeito sonoro geralmente realizado por pedais de efeito em guitarras e outros instrumentos. Busca simular o som de um amplificador sobrecarregado.

¹⁵ Otto é um músico que passou pelas bandas Mundo Livre s/a e Nação zumbi e desenvolve uma carreira solo nos dias atuais.

Desigualdade socioeconômica:

E a lama come no mocambo e no mocambo tem molambo

[...]

*Molambo boa peça de pano pra se costurar mentira
Molambo boa peça de pano pra se costurar miséria, miséria...*

Nos trechos acima é observado a representação do mocambo, retratando-se as construções precárias que vivem grande parte da população recifense, muitas vezes em locais de mangues e beira de rios. Os autores da canção trazem também o molambo¹⁶ como o indivíduo que vive nesses mocambos e que os governantes os desvalorizam e o utilizam para jogar a culpa de todas as mazelas da sociedade, como as mentiras e misérias da cidade.

Fome:

Porque no rio tem pato comendo lama ?

O trecho simboliza a busca de necessidade de comida em locais antes não procurados e também em locais insalubres. Segundo Vargas (2007), a imagem surgiu enquanto os músicos se reuniam e observaram um pato bicando a lama à procura de comida.

Fatos históricos:

E a lama come no mocambo e no mocambo tem molambo

Traz o mocambo e sua relação com o Recife, que é muito forte, pois se encontra na cidade desde muito tempo, sendo ele um dos principais tipos construtivos encontrados no mangue do Recife durante o século XX. Nesse tempo, os mocambos foram alvo de diversas ações, como, por exemplo, a Liga Social Contra o Mocambo, que veio a se tornar o Serviço Social contra o mocambo, com o objetivo de destruir os mocambos e incentivar a construção de casas populares para relocação dos moradores.

¹⁶

Molambo – Termo de origem angolana derivado do Kimbundu, um dos dialetos mais falados na Angola. A palavra foi inicialmente usada no Brasil pelos senhores de engenho que chamavam os escravos de molambos. Depois a palavra foi associada as roupas sujas e rasgadas utilizadas pelos escravos.

Consciência social:

*E o molambo já voou, caiu lá no calçamento bem no sol do meio-dia
O carro passou por cima e o molambo ficou lá
Molambo eu, molambo tu, molambo eu, molambo tu*

Aqui os autores mostram o descaso da população com a parte da população mais pobre, trazendo à tona a questão da consciência social, para que nos coloquemos nos lugares do molambo, com a finalidade de enxergá-los de outra maneira, como indivíduos que fazem parte da sociedade e que merecem que nos preocupemos com o bem-estar deles, assim como nos preocupamos com o nosso.

6.1.4 A Cidade

(Música de Chico Science)

A música trata da cidade do Recife com foco nas questões urbanas do Recife vividas nas décadas de 1980 e 1990. Para tratar essas questões, o autor se utiliza de diversas metáforas a respeito da cidade e seus cidadãos. Essa música foi escolhida para compor o corpus dessa análise pois se enquadra nas seguintes categorias: **Violência, Elementos urbanos, Segregação espacial, Desigualdade socioeconômica, Exploração da população, Degradação ambiental, Conceito de cidade e Globalização.**

Violência:

*Cavaleiros circulam vigiando as pessoas,
Não importa se são ruins, nem importa se são boas*

No trecho acima, Chico Science traz novamente à tona a questão da violência e repressão policial, aqui chamados de *cavaleiros*, os quais acabam por repreender, vigiar e punir pessoas muitas vezes inocentes.

Elementos urbanos:

*O Sol nasce e ilumina as pedras evoluídas,
Que Cresceram com a força de pedreiros suicidas.*

[...]

*Coletivos, automóveis, motos e metrô,
Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs.*

No primeiro trecho, o autor faz a associação entre as pedras evoluídas como sendo os prédios recifenses que foram feitos a partir da exploração dos pedreiros de uma classe mais pobre, que trabalham muitas vezes em condições precárias na construção desses edifícios onde nunca morarão. No segundo trecho, Chico Science expõe diversos aspectos da ocupação da cidade, como as formas de locomoção imprescindíveis na cidade contemporânea, relacionando-as com as classes que utilizam esses meios de transporte (coletivos-trabalhadores, automóveis-patrões, motos-policiais, metrô-camelôs).

Segregação espacial:

*Eu vou fazer uma embolada, um samba, um maracatu
Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra tu.
Pra gente sair da lama e enfrentar os urubus. (haha)
Eu vou fazer uma embolada, um samba, um maracatu
Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra tu.
Pra gente sair da lama e enfrentar os urubus. (ê)*

Nesse trecho, é possível observar a representação da segregação espacial a partir do momento que ele coloca que vão sair da lama para enfrentar os urubus, como uma metáfora para sair da periferia e o seu local de exclusão e aparecer para o mundo, se impor diante dos *urubus*, ou aproveitadores de sua situação mais fragilizada. Pode-se ver também o uso das músicas e movimentos culturais como um meio de caminho para sair da situação de miséria e pobreza para enfrentar a exploração sofrida das classes dominantes.

Desigualdade socioeconômica:

*E a cidade se apresenta centro das ambições,
Para mendigos ou ricos, e outras armações.*

Aqui Chico já faz a pergunta “Para quem é a cidade?” e expõe a desigualdade encontrada nela entre mendigos e ricos

A cidade não para, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce.

Aqui já podemos observar como Chico questiona o crescimento e desenvolvimento da cidade ao colocar que a cidade cresce, assim como a riqueza dos ricos, mas também com a pobreza dos pobres, e isso cada vez mais vai aumentando a distância entre esses dois polos, o que é refletido pelo alto Índice de Gini da cidade do Recife, nas décadas de 1980 e 1990, como abordado anteriormente.

*No meio da esperteza internacional,
A cidade até que não está tão mal.
E a situação sempre mais ou menos,
Sempre uns com mais e outros com menos.*

Nesse outro trecho, Chico Science nos mostra que a exploração da população a partir da esperteza internacional, ou dos empresários internacionais, o que acaba por agravar ainda mais a desigualdade dentro da cidade do Recife, gerando renda para uma população ainda mais distante dessa realidade.

Exploração da população:

*A cidade se encontra prostituída,
Por aqueles que a usaram em busca de saída.*

Nessa ocasião, vemos o uso do termo *prostituída* de forma pejorativa através de uma cidade vendida por interesses, sejam eles políticos, imobiliários, empresariais e outros, como se a cidade fosse a saída dessas pessoas.

Degradação ambiental:

*Num dia de Sol, Recife acordou
Com a mesma fedentina do dia anterior.*

É observada a denúncia ao mau saneamento básico da cidade, o que, ao não serem cumpridas as funções de saneamento, acaba por gerar um odor desagradável na cidade. Esse trecho pode ser interpretado do ponto de vista social também, como uma crítica ao que se está fazendo a cidade, à podridão dos políticos, empresários e cidadãos do Recife.

Conceito de cidade:

E a cidade se apresenta centro das ambições

Podemos observar aqui uma visão de cidade parecida com o conceito de *cidade como Imã*, de Rolnik(1995), no qual o poder de atração da cidade, a partir de diversos fatores, torna-a o centro de interesses de diversas classes e pessoas.

Globalização:

*Ilusora de pessoas de outros lugares,
A cidade e sua fama vai além dos mares.*

*No meio da esperteza internacional,
A cidade até que não está tão mal.*

Podemos associar o trecho acima à globalização na terra, onde as informações chegam ao mundo todo em velocidades antes nunca vistas. Levando, assim, a tomada de conhecimento sobre o que está acontecendo na cidade para outras cidades do globo. Além disso, é possível observar o aumento de investimento de outros países na cidade do Recife, sendo ela um prato cheio para os da *esperteza internacional*, que podem ser traduzidos como empresários do globo.

6.1.5 A Praieira

(Música de Chico Science)

A praieira cria para nós a paisagem do Recife como a de uma cidade litorânea, mostra também a relação da raiz cultural pernambucana, como a dança popular da ciranda. Além disso, a música mostra um modo de vida de certa parcela da população recifense, que gosta de ir à praia, dançar ciranda, beber cerveja etc. Essa música foi escolhida para compor o corpus dessa análise pois se enquadra nas seguintes categorias: **Elementos urbanos, Fatos históricos, Ocupação do espaço público e Consciência social.**

Elementos urbanos:

No caminho é que se vê, a praia melhor pra ficar

Podemos observar o principal elemento urbano tratado nesta música é a praia. Compondo assim a paisagem de Recife como sendo uma cidade também litorânea e praieira, em que há a vivência da praia pela população existente.

Fatos históricos:

E é praieira! Vou lembrando a revolução, vou lembrando a revolução

Aqui como trazido por Vargas (2007) Chico Science nos lembra a Revolução Praieira de 1848 ocorrida no Recife. A revolução praieira foi uma revolução de caráter liberal combatida pelo governo imperial, a qual tinha objetivos considerados radicais na época como o voto universal e a abolição da escravatura. A revolução trazia ainda ideais socialistas que começaram a aparecer no Brasil naquela época.

Ocupação do espaço público:

*No caminho é que se vê, a praia melhor pra ficar
[...]
E na praia é que se vê, a areia melhor pra deitar
[...]
Você pisa onde quiser
Que você se sente melhor, garota
Na areia onde o mar chegou*

Na letra o autor da música traz a questão da ocupação do espaço público (a praia) como área de lazer que qualquer um pode pisar onde quiser, sendo a praia acessível a todos e onde todos podem ficar, sentar, pisar.

Consciência social:

*Você pisa onde quiser
Que você se sente melhor, garota*

Aqui novamente Chico traz estes ideais do liberalismo incentivando a ocupação do espaço público e trazendo ideias libertárias de fazer o que quiser, pisando onde quiser.

Mas há fronteiras nos jardins da razão

No verso acima podemos trazer o pensamento de Vargas (2007) que coloca da seguinte forma:

Provavelmente está aí a noção de que “há fronteiras no jardim da razão”, pois parte do ideário da Praieira está nos ideais do Iluminismo. No entanto, tal racionalidade também expressa na possibilidade de “ficar pensando melhor”, esbarra no ato de beber “uma cerveja antes do almoço, prática trivial e cotidiana. Este exemplo demonstra com clareza a conformação aberta da canção e sua capacidade de construir diálogos com tradições ancestrais, sejam estéticas ou filosóficas: beber e pensar, dançar e revolucionar, areia pra dançar areia pra deitar. (VARGAS, 2007, p.145)

Neste trecho ele fala do verso relacionando-o ao pensamento iluminista trazido por Chico.

6.1.6 Samba Makossa

(Música de Chico Science)

A música, já em seu título, faz a mescla entre dois ritmos o Samba e o Makossa, música de origem camaronesa. E dentro da letra Chico Science faz várias valorizações da cultura e das misturas culturais, sendo esse o foco da música e não se enquadrando nas categorias de análise antes definidas. E, por isso, foi apenas realizada uma observação superficial da música que não compõe o *corpus* de análise.

6.1.7 Da Lama ao Caos

(Música de Chico Science)

A música retrata a relação entre o ambiente natural e o ambiente construído fazendo relação entre o caos urbano, ocasionado pelo intensivo processo de urbanização, e a lama, elemento natural pré-existente na construção da cidade. Além disso, faz diversas metáforas relacionadas à biodiversidade do mangue e à lógica de ocupação

recifense. A música foi escolhida para compor o corpus dessa análise pois se enquadra nas seguintes categorias: **Violência, Elementos urbanos, Segregação espacial, Desigualdade socioeconômica, Fome, Exploração da população, Fatos históricos e Josué de Castro.**

Violência:

*Posso sair daqui para me organizar
Posso sair daqui para desorganizar
Posso sair daqui para me organizar
Posso sair daqui para desorganizar*

É possível observar que Chico mostra o ponto de vista de uma pessoa que observa a violência como uma saída para sair da situação em que se encontra procurando organizar a sua vida, porém, vendo que, para isso, ela precisa desorganizar a vida de outros e da cidade, fazendo a reflexão que a violência ocorre também por causa das violências sofridas.

*Da lama ao caos, do caos à lama
Um homem roubado nunca se engana
Da lama ao caos, do caos à lama
Um homem roubado nunca se engana*

No trecho acima, Chico expõe também a situação das pessoas que sofreram diversas violências nos espaços que ocupam na sociedade. E que, a partir dessas violências, adquiriram diversos entendimentos da vida, que foram se fixando, e dando certezas absolutas a estas pessoas.

*Peguei um balaio fui na feira
Roubar tomate e cebola
[...]
E com o bucho mais cheio
Comecei a pensar
Que eu me organizando
Posso desorganizar
Que eu desorganizando
Posso me organizar
Que eu me organizando
Posso desorganizar*

Nesse último trecho apresentado, a canção mostra, em um primeiro momento, a violência exposta a partir de um roubo. A partir dessa atitude, a pessoa conseguiu suprir uma de suas necessidades básicas, sendo essa uma forma, apresentada por

Chico, das pessoas poderem sair de uma situação *desorganizada* para uma *organizada*.

Elementos Urbanos:

*Da lama ao caos
Do caos a lama*

Mostra a relação no Recife entre o ambiente natural (a lama) e o ambiente construído (o caos). Fazendo uma alusão aos mangues contidos na cidade do Recife e às comunidades que moram e vivem nesse mangue. E a canção também apresenta a relação direta que esse mangue tem com a cidade contemporânea e caótica do Recife.

Peguei um balaio, fui na feira

Pode ser visto o retrato da cidade mercado, também trazida por Rolnik (1995). Com a feira como sendo um dos principais locais de trocas na história das cidades. A feira que sobrevive na cultura mundial desde os tempos do surgimento das primeiras cidades, até como um fator que impulsionou esse surgimento.

Segregação espacial:

*Saiu do mangue
Virou gabiru*

Aqui podemos observar que o *homem caranguejo*, que vivia nos mangues e já era excluído da sociedade, em um determinado momento, quando o governo decidiu fazer as relocações de comunidade do mangue, seja de forma indenizatória ou por meio da gentrificação, que viviam na e da lama, vão, então, para os morros favelas, tornando-se homens gabiru. Mas vivendo de outras formas, porém ainda excluídos e renegados pela sociedade.

Fome:

*Peguei um balaio, fui na feira
Roubar tomate e cebola
la passando uma véia
Pegou a minha cenoura
"Ae minha véia
Deixa a cenoura aqui"*

*"Com a barriga vazia
Não consigo dormir"*

Novamente Chico Science traz, em suas músicas, o retrato da fome na cidade, que atinge a população de mais baixa ou nenhuma renda, levando essa mesma população a necessidade de cometer crimes a fim de se alimentar e conseguir dormir, duas necessidades básicas para a sobrevivência humana.

Exploração da população:

*Quanto mais miséria tem
Mais urubu ameaça*

Nesses versos, vemos a relação entre o aproveitamento de uma população pobre, o que nos ajuda a identificar que onde encontra-se uma população mais fragilizada socioeconomicamente mais aproveitadores, ou *urubus*, como colocados por Science, aparecem com o intuito de se aproveitarem dessa situação. Sejam esses urubus os candidatos políticos realizando relações de trocas ou empresários a fim de obter direitos, principalmente sobre terrenos e posses, desta população já fragilizada e sem seus direitos básicos.

Fatos históricos:

*O sol queimou queimou
A lama do rio
Eu vi um chié
Andando devagar
Vi um aratu
Pra lá e pra cá
Vi um caranguejo
Andando pro sul
Saiu do mangue
Virou gabiru*

Aqui podemos observar uma possível crítica aos incêndios causados nas décadas de 1980 e 1990 em comunidades fixadas no mangue. Além disso, mostra a lógica de ocupação recifense, que mudou a partir da década de 1970, levando parte da população a ocupar a zona sul da cidade, mais precisamente o bairro de Boa Viagem. Outro ponto de vista nos mostra a ocupação das favelas e outras zonas urbanas, onde, sem o mangue os homens que lá viviam dele, hoje são como gabirus à procura de alimentos em restos e sobras que encontram pela cidade.

Degradação ambiental:

*O sol queimou queimou
A lama do rio*

Além da inferência feita acima acerca desses dois versos, podemos levantar também a possibilidade de que Chico aborda que houve uma maior degradação ambiental e urbana levou ao abandono de áreas centrais.

Josué de Castro:

*Ô Josué eu nunca vi
Tamanha desgraça*

Aqui Chico Science faz uma invocação direta ao escritor Josué de Castro, dialogando diretamente com o geógrafo. E que a partir das ideias obtidas da obra de Josué de Castro ele conseguiu ampliar os olhares sobre essa tamanha desgraça.

6.1.8 Maracatu de Tiro Certeiro

(Música de Chico Science e Jorge Du Peixe)

A música *Maracatu de Tiro Certeiro*, segundo Vargas (2007) tem título inspirado na história em quadrinho *Samba de Tiro Certeiro*¹⁷, do desenhista italiano Hugo Pratt. A música foi **escolhida para compor o corpus dessa análise pois se enquadra nas seguintes categorias: Violência, Elementos urbanos, Degradação ambiental Degradação urbana, Consciência social e Mídia.**

Violência:

*De tiro certo, é de tiro certo
Como bala que já cheira a sangue*

¹⁷

A história mostra a luta dos cangaceiros comandados por “Tiro Certeiro” contra os latifundiários tidos como coronéis presentes no interior do Nordeste. O quadrinho mostra os cangaceiros como heróis.

*Quando o gatilho é tão frio
Quanto quem tá na mira - o morto!
Eh, foi certo - Oh se foi*

Neste trecho da música, podemos observar o retrato de uma cena de violência realizada com armas de fogo, uma cena muitas vezes cotidiana na vida de algumas pessoas.

Elementos Urbanos:

*a lama chega até o meio da canela;
o mangue tá afundando e não nos dá mais trela!*

Podemos observar neste trecho ainda representação de elementos urbanos, neste caso de origem natural como a lama e o mangue. Sendo o primeiro muitas vezes representado como a sujeira e p segundo como a cidade do Recife.

Degradação Ambiental:

*(Urubuservando, a situação:
uma carraspana, na putrefação;
a lama chega até o meio da canela;
o mangue tá afundando e não nos dá mais trela!)*

Podemos ver, na estrofe, a questão da degradação ambiental e da tomada de consciência para melhor a situação do mangue, o qual muitas vezes encontra-se cheio de lixo e que pode ser entendido também diante das diversas alusões que Chico faz em outras músicas como a situação da cidade do Recife.

Degradação Urbana:

*(Urubuservando, a situação:
uma carraspana, na putrefação;
a lama chega até o meio da canela;
o mangue tá afundando e não nos dá mais trela!)*

É possível observar novamente a alusão ao urubu no neologismo *urubuservando*, podendo ser interpretado como o olhar para uma situação não digna. Essa situação foi retratada como uma bebedeira em meio a lama do mangue (*uma carraspana, na putrefação*).

Consciência Social:

o mangue tá afundando e não nos dá mais trela!

Podemos ver o incentivo à tomada de consciência perante a situação do mangue, que é sucumbido perante aterros ocorridos ao longo dos anos. Pode ser entendido também como a cidade do Recife afundando e a necessidade de lutarmos por nossa cidade, nosso habitat, nosso mangue.

*Tem gente que é como o barro
Que ao toque de uma se quebra*

*Outros não!
Ainda conseguem abrir os olhos
e no outro dia assistir tv*

Nos versos acima, Chico Science faz algumas metáforas a fim de levar os ouvintes a uma tomada de consciência da situação a partir do que ele denuncia em todo o seu discurso, considerando também que há pessoas que entendem e acabam chocadas ou quebradas, mas há outras que não são atingidas pela mensagem e continuam sua rotina normal.

Mídia:

*Outros não!
Ainda conseguem abrir os olhos
e no outro dia assistir tv*

Ao mesmo tempo, ele faz uma crítica à mídia, pois ao não darem ouvidos as ideias disseminadas por ele, alguns continuam acreditando nas notícias da mídia que, como ele mesmo já colocou na música *Banditismo por uma questão de classe*, deixou de ver tv por causa das notícias colocadas pela televisão, muitas vezes tidas como tendenciosas.

6.1.9 Salustiano Song

(Música de Lúcio Maia e Chico Science)

É uma das duas músicas instrumentais do disco e que traz em seu título uma referência direta ao Mestre Salustiano, mestre de maracatu, compositor e instrumentista, que, segundo o Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira, foi:

Referência para a nova safra de músicos pernambucanos, sempre foi um dos mais atuantes na manutenção de manifestações culturais pernambucanas como o coco, a ciranda, o aboio de vaquejada, o forró pé-de-serra, o cavalo-marinho, o caboclinho, o mamulengo e o maracatu. [...]

Foi considerado um dos precursores do "Mangue-beat" e tido por mestre por artistas como Antônio Nóbrega, Siba e Chico Science. Foi um batalhador incessante pela preservação de manifestações culturais típicas da Zona da Mata, como o coco, a ciranda, o maracatu e o caboclinho. Também ganhou prestígio como um dos maiores dançadores de cavalo-marinho de sua região. (DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA, s/d)

Na música, simula-se, através de *samplers*¹⁸ e outros efeitos sonoros, o som da rabeca, que era o instrumento mais tocado por Salustiano e o qual ele também fabricava. Como a música não se enquadra nas categorias de análise, foram feitos apenas comentários superficiais.

6.1.10 Antene-se

(Música de Chico Science)

A música retrata o modo de vida dos cidadãos recifenses, e os que os artistas do grupo CSNZ também compartilhavam. Além disso, Chico Science nos atenta para imagem da *antena parabólica enfiada na lama*, imagem que é um dos símbolos do Manguebeat, buscando “antelar” o mangue com o mundo. Relacionando, assim, a biodiversidade do mangue com a diversidade cultural encontrada no Recife, procurando expor para o mundo essa diversidade. Esta música foi escolhida para

¹⁸ Samplers é um equipamento no qual é possível armazenar sons e posteriormente reproduzi-los.

compor o corpus dessa análise pois se enquadra nas seguintes categorias: **Elementos urbanos, Segregação espacial, Desigualdade socioeconômica, Fatos históricos, Ocupação do espaço público, Degradação ambiental, Josué de Castro e Globalização.**

Elementos Urbanos:

*Escutando o som das vitrolas, que vem dos mocambos
Entulhados à beira do Capibaribe*

Novamente Chico Science traz à tona os mocambos entulhados à beira do Capibaribe. Fazendo essa imagem gravar em nossas cabeças e ressaltando a quantidade de mocambos e ocupações precárias às margens do rio, que é ressaltado e valorizado.

No meio das ruas e em cima das pontes

Mostra aqui as ruas e pontes da cidade também fixando essa paisagem da cidade na memória coletiva através da música.

Segregação espacial:

Onde estão os homens caranguejos

É possível ver a colocação que os homens caranguejos não conseguem usufruir da cidade e estão locados em áreas mais periféricas, como áreas de morros e mangues, saindo, então, da vista da população no geral.

Desigualdade socioeconômica:

Na quarta pior cidade do mundo

Chico Science novamente bate na tecla da desigualdade e pobreza vista no Recife. Trazendo, nesse verso, resultados de uma pesquisa realizada pelo *Institut Population Crisis Committee*, que coloca Recife como a quarta pior cidade do mundo para se morar. Podemos, dessa maneira, perceber que isso é um reflexo direto do baixo IDH da capital pernambucana e do alto índice de Gini que representa a cidade, o que Chico denuncia em sua música.

Fatos históricos:

*Recife cidade do mangue
Incrustada na lama dos manguezais*

No trecho acima, o autor da música refere-se ao surgimento da cidade no Recife em cima do mangue. Mangue esse no qual a cidade cresceu e se desenvolveu, assim como colocado e discutido nos capítulos 2 e 4 deste trabalho.

Ocupação do espaço público:

*Minha corda costuma sair de andada
No meio das ruas e em cima das pontes*

Em um momento no qual este assunto ainda não estava tão em pauta como nos tempos atuais, Chico Science já trazia o tema da ocupação das áreas urbanas em suas músicas. Sendo essa uma forma de combater o abandono das áreas centrais do Recife, as quais eram bastante frequentadas pelo músico e seus amigos (sua “corda”).

Identidade:

Sou, sou, sou, sou, sou, sou Mangueloy

Nesse trecho, podemos ver a autoafirmação identitária por Chico Science como Mangueloy se colocando como cidadão Recifense. O conceito foi criado pelo movimento Mangueloy e exposto por ele em suas músicas.

Josué de Castro:

*Recife, cidade do mangue
Onde a lama é a insurreição
onde estão os homens caranguejos?*

Novamente Chico Science faz Referência a obra de Josué de Castro, ao Ciclo do caranguejo, onde os homens caranguejos vivem e morrem na lama. Se alimentam e despejam dejetos e excrementos na lama, os quais são comidos pelos caranguejos, que são comidos pelos homens, fazendo, assim, o ciclo do caranguejo.

Globalização:

*Procurando antenar boas vibrações
Preocupando antenar boa diversão*

Nesse outro trecho, Science faz a relação entre as antenas e a obtenção de conhecimento ou a sintonia. Associando um aparelho claro da modernização e globalização (antenas) com a humanidade.

6.1.11 Risoflora

(Música de Chico Science)

A música traz um relacionamento amoroso entre um caranguejo e uma planta, a Risoflora (*Rhizophora*) que é uma planta típica dos manguezais. Fazendo sempre a metáfora contida também em outras músicas, relacionando o caranguejo e toda a biodiversidade encontrada nos mangues com as questões contemporâneas e humanas.

6.1.12 Lixo Do Mangue

(Música de Lucio Maia)

É a segunda música instrumental do CD, em seu título podemos ver uma alusão à desvalorização da música recifense. Também podemos ver a referência à biodiversidade do mangue que gera diversas formas de cultura.

6.1.13 Computadores Fazem Arte

(Música de Zero Quatro)

Nessa outra música, Zero Quatro faz uma menção às novas tecnologias e às necessidades artísticas contemporâneas, colocando que os computadores fazem a arte, executam toda a técnica necessária, e os artistas, a partir do que os computadores e novas tecnologias executam, o utilizam para ganhar dinheiro. Sendo visto também como uma irônia a este pensamento. A música traz uma temática diferente de cidade e portanto não compôs o *corpus* da análise.

6.1.14 Côco Dub (*Afrociberdelia*)

(Música de Chico Science)

Na última música do disco, denominada de Côco Dub, há a mistura entre o ritmo regional do Côco e o ritmo Jamaicano, vindo do Reggae, o Dub. A canção ainda tem como subtítulo o termo *Afrociberdelia*, um neologismo que faz a união das palavras Afro, Ciber e Psicodelia, nos levando a entender a mistura desses três conceitos (a cultura africana ou afrodescendente, a tecnologia e os elementos musicais psicodélicos), tendo um foco maior na sonoridade do que na letra para fazer essa mistura de ritmos. A música faz também a relação entre a diversidade dos homens, que são todos iguais, mesmo que estejam “acima ou abaixo do mundo”, como colocado por Chico Science. O subtítulo da música traz o nome do segundo álbum da banda indicando como seriam as próximas músicas. A música, no entanto, não tem como o foco a cidade e, por isso, não foi realizada uma análise mais aprofundada.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a analisar o retrato da cidade a partir do álbum *Da Lama ao Caos* do grupo Chico Science & Nação Zumbi, procurando observar de que maneiras e a partir de quais vieses a cidade foi retratada, buscando sempre relacionar as discussões ao ponto de vista da arquitetura e urbanismo.

Para realizar essa análise, foi escolhido um método que evitasse uma análise puramente superficial, sem metodologia ou técnica. Esse método escolhido foi a Análise de Conteúdo, que consiste em, a partir de uma técnica, nesse caso a técnica de Análise Categorical, realizar inferências e interpretações sobre diversos índices, para, enfim, chegar a uma conclusão sobre o objeto de estudo.

Em paralelo, foram apresentados diversos entendimentos sobre o conceito de cidade, e, como visto anteriormente, eles podem variar conforme tempo, sociedade e abordagem tomada. Esses conceitos foram apresentados para vir a compreender qual seria esse conceito de cidade trazido pelo álbum e pela banda em questão.

Num segundo momento, foi realizado um levantamento histórico do processo de **urbanização**, com mais ênfase no surgimento da cidade do Recife: desde os fatores que levaram a condição de sua localização, em cima de áreas de mangues e áreas alagadas, até como a cidade se encontra na década de 1980, compondo, assim, um histórico de como a cidade do Recife se tornou nos anos 1980 e 1990 (décadas de interesse da pesquisa). Isso ajudou a criar um contexto tanto para o surgimento do movimento *Manguebeat* e conseqüentemente da banda CSNZ, e como essa cidade vivenciada pelos integrantes poderia vir a ser retratada. A fim de entender também os motivos dessa visão foi apresentado um breve histórico do surgimento do *Manguebeat* e da vida de um dos seus principais divulgadores, e principal autor das músicas do álbum, Chico Science.

A partir da aplicação da Análise de Conteúdo, foi observado a presença das categorias escolhidas em várias músicas do álbum o que revela ainda mais a relação entre o disco e a cidade do Recife.

Na categoria da **violência**, vimos, em diversas músicas, a sua presença o que retrata a frequência desse tema na rotina dos compositores das músicas. Dentro dessa categoria, há, por diversas vezes, a inversão de valores entre o bem e o mal, ou quem é o violentador e quem é o violentado. Muitas vezes a população mais pobre é que é encontrada como vítima de toda a situação de violência no Recife, mostrando como ela foi explorada abandonada e utilizada, de alguma forma, pelos poderosos. É mostrado também como a violência funciona de forma cíclica, gerando mais violência, sendo difícil a quebra desse ciclo, principalmente por parte da população que não tem o conhecimento necessário para quebrá-lo, encontrando, muitas vezes, a violência como única saída para situação em que alguns indivíduos se encontram.

Foi observado também que, a partir da inserção de **elementos urbanos**, o disco constrói uma certa paisagem sonora da cidade do Recife. Fazendo através de suas músicas e letras, a construção de uma imagem mental dessa cidade, com cheiros, cores e sons. Mostrando, assim, a sua relação com a cidade do Recife e sua Região Metropolitana. Tópico esse da paisagem sonora que poderá ser objeto de futuras pesquisas.

Outro tema recorrente nas músicas de Chico Science foi o tema da **segregação espacial**, onde a população mais pobre e periférica é colocada em segundo plano na cidade do Recife. E que a ela vive cada vez mais afastada da cidade seja por falta de espaço para a ocupação nas áreas centrais ou por falta de dinheiro para morar e viver nessas áreas. Em contraponto, a partir de diversas metáforas nas canções, Chico valoriza o que é desvalorizado no Recife, como seus mangues, sua cultura, suas estruturas e suas pessoas.

Em paralelo com o tema da **segregação espacial** foi observado a **desigualdade socioeconômica** encontrada no Recife. Com um dos maiores índices de desigualdade do país, a cidade foi retratada exatamente dessa forma nas canções. Uma sociedade desigual, sem os mesmos direitos para todos, nem oportunidades e que tende cada vez mais ao aumento dessa desigualdade. Ainda é exposto como essa desigualdade influencia em diversos fatores urbanos como a degradação urbana e ambiental e o aumento da violência urbana.

A **fome** é colocada como um dos fatores principais nas letras das músicas do CD em pauta. Produto de uma sociedade desigual e geradora de violência, ela está presente em diversas canções do álbum. O que retrata a recorrência dessa cena e desse tema na vida dos músicos nos anos 1980 e 1990. Isso mostra também a relevância do tema, o qual não foi dado devida importância pela sociedade como um todo.

Outro tema que surge, ligado a desigualdade social, é o tema da **exploração da população**. Exploração essa que se dá a partir dos mais ricos e poderosos, muitas vezes colocados como patrões. Em cima das pessoas mais pobres e fragilizadas, que podem ser colocada como os trabalhadores. Exploração essa que gera revolta em parte da população; isso é exibido na música de Science a fim de informar a população dessa situação e incentivar uma tomada de consciência para que saiam dessa posição.

No álbum, vemos a retomada de diversos **fatos históricos** ocorridos na cidade do Recife, desde “causos e lendas” locais até revoluções e a história da ocupação da cidade, o que mostra a intensidade da conexão do disco com a cidade do Recife, e que isso acaba favorecendo a criação de um imaginário coletivo e uma identificação, tanto com a cidade como com os cidadãos, para a criação de um senso de pertencimento à cidade.

Vemos também, no discurso trazido por Chico em suas letras, a necessidade da **ocupação do espaço público**, a fim de povoar, valorizar e se sintonizar com a cidade, trazendo uma maior preservação da cidade e senso de coletividade.

É muito forte na letra e na música trazida pelo grupo o tratamento dado a **degradação ambiental e urbana**, principalmente a partir de suas metáforas ao usarem termos e temas e objetos tidos como sujos e podres, como a lama, o lixo, o urubu entre outros a fim de mostrar a degradação em que a cidade se encontra, muitas vezes invertendo os valores e elevando esses termos. Além disso, há também a denúncia à degradação do mangue, promovendo a luta contra essa destruição do meio natural e construído.

Chico movimenta ainda **conceitos identitários**, como a denominação dos mangueboys, e, a partir da identificação com a cidade do Recife em suas músicas, faz

com que os cidadãos recifenses se sintam representados por ela, se sentindo pertencentes a cidade.

O álbum, assim como o grupo CSNZ, traz a importância de **Josué de Castro** no estudo da cidade do Recife, como uma fonte de referência para os recifenses que desejam saber mais sobre a vida em sua cidade e os problemas que a atingem. Levando, dessa forma, maior conexão entre a cidade e os seus cidadãos.

Conseqüentemente, ao explorar os temas como **degradação ambiental**, **Josué de Castro** e **desigualdade social**, Chico nos leva e nos questiona sobre uma certa **consciência social**, a fim de encaminhar a população e o seu público a um maior empoderamento sobre sua cidade e sua importância dentro dela.

Ainda vimos a ligação das músicas com a **globalização** e os movimentos contemporâneos que vêm acontecendo. Porém, sem perder as raízes regionais. Foi observado a forte ligação com tecnologias, inovações e com a **mídia**. A respeito dessa última, também faz fortes críticas sobre o modo como ela retrata a cidade com pontos de vista e interesses muitas vezes opostos aos representados nas canções.

Chico Science e Nação Zumbi, trouxeram pontos de vistas pouco explorados sobre a cidade de uma forma artística e que atingiu o público de forma ímpar. Através de diversas metáforas, buscou elevar situações tidas como podres e degradantes, para mostrar o valor de tudo isso e sua igualdade com situações tidas como limpas. A cidade que é retratada é a cidade vivida e observada pelos músicos. Com todos os seus aspectos, sensoriais como os cheiros do mangue, das ruas, dos rios, praias e canais; cores da cidade, dos prédios, das lamas das arvores; e sons do caos urbanos, dos carros, ônibus, armas de fogo, gritos e risos.

Eles mostraram seus aspectos físicos e visuais, mostrando suas pontes, suas ruas, seus becos, morros, avenidas, rios e canais. E ainda seus aspectos sociais da vida em comunidade gerada a partir dos encontros da cidade, como a violência, a desigualdade, a exploração do povo, a pobreza, as diferenças e as igualdades. Além disso, mostrou a exploração de dilemas humanos contemporâneos, como o lugar de cada indivíduo na sociedade, compondo, dessa forma, uma imagem da cidade através das músicas do álbum. Uma cidade desigual, violenta e injusta, que deve lutar pela

igualdade, pela preservação do mangue e de toda sua diversidade ambiental, através da ocupação democrática e da conscientização das pessoas.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, T. B. Desigualdade de renda e de pobreza. *Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife*. Recife, 2005. Disponível em: <<https://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/pnud2006/downloads.html>>. Acesso em: 30 maio 2018.

ARAUJO, T. B.; ARAUJO, T. P. Recife: desenvolvimento e desigualdade. *Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife*. Recife, 2005. Disponível em: <<https://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/pnud2006/downloads.html>>. Acesso em: 30 maio 2018.

ASSIS JUNIOR, A. de. *Dicionário Kimbundu – Português*. Luanda: Ed. Argente, Santos & Cia Ltda, s/d.

BALTAR, A. B. *Diretrizes de um plano regional para o Recife*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999,

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Ed. 70, 1977.

BITOUN, J.; MIRANDA, L.; SOUZA, M. A. *Como anda a Região Metropolitana do Recife*. Recife: CMG; UFPE; FADE, 2006.

CAMARA, E. História do Recife: Do surgimento aos dias atuais. *Visita Recife*. 2015. Disponível em: <<http://visitarecife.com.br/historia-do-recife/>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

CAMPOS, C. Manguêbeat. Pesquisa Escolar Online, *Fundação Joaquim Nabuco*, Recife. 2013. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=987%3Amanguêbeat&catid=48%3Aletra-m&Itemid=1>. Acesso em: 30 SET. 2017.

CASTRO, J. de. Um ensaio de geografia urbana: a cidade do Recife. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2013.

_____. Homens e Caranguejos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.

GASPAR, L. Conde da Boa Vista (Francisco do Rego Barros). Pesquisa Escolar Online, *Fundação Joaquim Nabuco*, Recife. 2003. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

LENCIONI, S. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo Nº 24, pp. 109 – 123, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74098>>. Acesso em 07 abr. 2018.

LIMA, J. M. da C. Tipos e aspectos do Brasil: Mocambo. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 2. 1947. Disponível em:

<<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=7115>>. Acesso em: 30 maio 2018.

LYNCH, K. *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Eds. 70, 1988.

MARICATO, E. *Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana*. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MELO, Mario Lacerda de. *Pernambuco traços de sua geografia humana*. Recife, Jornal do Comércio, 1950.

MERIN, Gili. *Classicos da Arquitetura: Ville Radieuse / Le Corbusier*. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/787030/classicos-da-arquitetura-ville-radieuse-le-corbusier>>. Acesso em 03 abr. 2018.

MESEL, M. Bairro do Recife. Recife antigo. Evolução urbana / A primeira reforma do porto. Disponível em <http://www.longoalcance.com.br/brecife/a_reforma.htm>. acesso em 04 abr. 2018.

MESTRE Salú. *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Disponível em: <<http://dicionariompb.com.br/mestre-salu/dados-artisticos>>. Acesso em: 05 abr. 18.

MOREIRA, F. D. A aventura do urbanismo moderno na cidade do Recife, 1900 – 1965. In: Leme, M. C. de S. (Coord.). *Urbanismo no Brasil – 1895-1965*. São Paulo: Studio Nobel; FAUUSP; FUPAM, 1999.

MORRISON, A. *Tramway pioneers in Latin América*. Disponível em: <<http://www.tramz.com/tw/p.html>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

NETO, Moisés. *Chico Science: a rapsódia afrociberdélica*. Recife: Edições Ilusionistas, 2000.

OLIVEIRA, E. C. L. A ideia de cultura da cena Manguebeat e a criação de uma nova representação para a cidade do Recife. In: *Anais do IV Congresso Internacional de História - 'Cultura, sociedade e poder'*, 2014, Jataí/GO. IV Congresso Internacional de História - "Cultura, sociedade e poder". Jataí/GO: UFG, 2014.

O QUE É IDH? *PNUD Brasil*. 2018. Disponível em: <<http://www.br.undp.org>>. Acesso em: 04 maio 2018.

ROLNIK, R. *O que é cidade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

TELES, J. *Do Frevo ao Manguebeat*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

VALADARES, P. de A. As metamorfoses do conceito de cidade. *Mercator*, Fortaleza, v. 14, n. 4, Número Especial, p.17-23, dez. 2015. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/1780>>. Acesso em 02 abr. 2018.

VARGAS, Herom. *Hibridismos musicais em Chico Science & Nação Zumbi*. São Paulo. Ateliê Editorial, 2007.

_____. Manguetown: a cidade de Recife nas canções de Chico Science & Nação Zumbi. *Comunicação & Inovação*, São Caetano do Sul, v. 16, n. 32. pp. 59-72. set-dez 2015.

WASELFISZ, J. *Mapa da Violência, 2012*. Os novos padrões da violência homicida no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2011.

DOCUMENTOS SONOROS

CHICO Science & Nação Zumbi. *Da lama ao caos*. Produção de: Liminha. Recife: Chaos / Sony Music, 1994.

_____. *Afrociberdelia*. Produção de: Eduardo BID e Chico Science & Nação Zumbi. São Paulo: Chaos /Sony Music, 1996.

MATÉRIA DE JORNAL

BANDIDOS famosos do estado inspiram produções artísticas. *Diário de Pernambuco / Caderno Viver*, Recife, 2015. Disponível em:
<http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/03/16/internas_viver,566412/bandidos-famosos-do-estado-inspiram-producoes-artisticas.shtml>. Acesso em 24 de maio de 18

ANEXO A – LETRAS PESQUISADAS

Monólogo ao pé do ouvido

*Modernizar o passado
 É uma evolução musical
 Cadê as notas que estavam aqui?
 Não preciso delas!
 Basta deixar tudo soando bem aos
 ouvidos
 O medo dá origem ao mal
 O homem coletivo sente a necessidade
 de lutar
 O orgulho, a arrogância, a glória
 Enche a imaginação de domínio*

*São demônios os que destroem o poder
 Bravio da humanidade
 Viva Zapata!
 Viva Sandino!
 Viva Zumbi
 Antônio conselheiro!
 Todos os panteras negras
 Lampião sua imagem e semelhança
 Eu tenho certeza eles também cantaram
 um dia*

Banditismo por uma questão de classe

*Há um tempo atrás se falava de bandidos
 Há um tempo atrás se falava em solução
 Há um tempo atrás se falava e progresso
 Há um tempo atrás que eu via televisão*

*Galeguinho do Coque não tinha medo,
 não tinha
 Não tinha medo da perna cabeluda
 Biu do olho verde fazia sexo, fazia
 Fazia sexo com seu alicate*

*Oi sobe morro, ladeira, córrego, beco,
 favela
 A polícia atrás deles e eles no rabo dela
 Acontece hoje e acontecia no sertão
 quando um bando de macaco perseguia
 Lampião
 E o que ele falava outros ainda falam
 "Eu carrego comigo: coragem, dinheiro e
 bala"
 Em cada morro uma história diferente
 Que a polícia mata gente inocente
 E quem era inocente hoje já virou
 bandido
 Pra poder comer um pedaço de pão todo
 fudido*

*Banditismo por pura maldade
 Banditismo por necessidade*

Banditismo por uma questão de classe

Rios, Pontes e Overdrives

A cidade

Por que no rio tem pato comendo lama?
 Rios pontes e overdrives
 Impressionantes esculturas de lama
 Mangue, mangue, mangue, mangue, mangue,
 mangue, mangue!
 Rios pontes e overdrives
 Impressionantes esculturas de lama
 Mangue, mangue, mangue, mangue, mangue,
 mangue, mangue!

E a lama come no mocambo e no mocambo
 tem molambo
 E o molambo já voou, caiu lá no calçamento,
 bem no sol do meio-dia
 O carro passou por cima e o molambo ficou lá
 Molambo eu, molambo tu, molambo eu,
 molambo tu
 É macaxeira, Imbiribeira, Bom pastor, é o
 Ibura, Ipseb, Torreão, Casa Amarela
 Boa Viagem, Genipapo, Bonifácio, Santo
 Amaro, Madalena, Boa Vista
 Dois Irmãos, é o Cais do porto, é Caxangá, é
 Brasilit, Beberibe, CDU
 Capibaribe, é o Centrão eu falei

Rios pontes e overdrives
 Impressionantes esculturas de lama
 Mangue, mangue, mangue, mangue, mangue,
 mangue, mangue!
 Rios pontes e overdrive
 Impressionantes esculturas de lama
 Mangue, mangue, mangue, mangue, mangue,
 mangue, mangue!

E a lama come no mocambo e no mocambo
 tem molambo
 E o molambo já voou, caiu lá no calçamento
 bem no sol do meio dia
 O carro passou por cima e o molambo ficou lá
 Molambo eu, molambo tu, molambo eu,
 molambo tu
 Rios, pontes e overdrives
 Impressionantes esculturas de lama
 Mangue, mangue, mangue, mangue, mangue,
 mangue, mangue!
 Rios, pontes e overdrives
 Impressionantes esculturas de lama
 Mangue, mangue, mangue, mangue, mangue,
 mangue, mangue!

Molambo eu, molambo tu, molambo eu,
 molambo tu
 Molambo boa peça de pano pra se costurar
 mentira
 Molambo boa peça pra se costurar miséria

O Sol nasce e ilumina as pedras evoluídas
 Que cresceram com a força de pedreiros
 suicidas.
 Cavaleiros circulam vigiando as pessoas,
 Não importa se são ruins, nem importa se
 são boas.

E a cidade se apresenta centro das
 ambições,
 Para mendigos ou ricos, e outras
 armações.
 Coletivos, automóveis, motos e metrô,
 Trabalhadores, patrões, policiais,
 camelôs.

A cidade não para, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o de baixo desce.

A cidade se encontra prostituída,
 Por aqueles que a usaram em busca de
 saída.

Ilusora de pessoas de outros lugares,
 A cidade e sua fama vai além dos mares.

No meio da esperteza internacional,
 A cidade até que não está tão mal.
 E a situação sempre mais ou menos,
 Sempre uns com mais e outros com
 menos.

A cidade não para, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o de baixo desce.

Eu vou fazer uma embolada, um samba,
 um maracatu
 Tudo bem envenenado, bom pra mim e
 bom pra tú.
 Pra gente sair da lama e enfrentar os
 urubus.

Num dia de Sol, Recife acordou
 Com a mesma fedentina do dia anterior.

A Praieira

No caminho é que se vê, a praia melhor
pra ficar
Tenho a hora certa pra beber
Uma cerveja antes do almoço é muito
bom,
Pra ficar pensando melhor

E eu piso onde quiser, você está girando
melhor, garota!
Na areia onde o mar chegou, a ciranda
acabou de começar, e ela é!

E é praieira!!! Segura bem forte a mão
E é praieira!!! Vou lembrando a revolução,
vou lembrando a revolução
Mas há fronteiras nos jardins da razão

E na praia é que se vê, a areia melhor pra
deitar
Vou dançar uma ciranda pra beber
Uma cerveja antes do almoço é muito
bom
Pra ficar pensando melhor

Você pode pisar onde quer
Que você se sente melhor
Na areia onde o mar chegou
A ciranda acabou de começar, e ela é !

E é praieira!!! Segura bem forte a mão
E é praieira!!! Vou lembrando a revolução,
vou lembrando a revolução
Por que há fronteiras nos jardins da
razão?

No caminho é que se vê, a praia melhor
pra ficar Tenho a hora
certa pra beber
Uma cerveja antes do almoço é muito
bom
Pra ficar pensando melhor.

Samba Makossa

Samba Maioral!

Onde é que você se meteu antes de
chegar na roda, meu irmão?

A responsabilidade de tocar o seu
pandeiro
É a responsabilidade de você manter-se
inteiro

Por isso chegou a hora dessa roda
começar
Samba Makossa da pesada, vamos todos
celebrar

Cerebral, é assim que tem que ser
Maioral, é assim que é, bom da cabeça,
foguete no pé
Samba Makossa, sem hora marcada, é da
pesada
Samba, Samba, Samba, Samba, Samba,
Samba, Samba

Da Lama ao Caos

*Posso sair daqui pra me organizar
Posso sair daqui pra desorganizar*

*Da lama ao caos
Do caos a lama
Um homem roubado nunca se engana*

*O sol queimou queimou, queimou a lama
do rio
Eu vi um Chié andando devagar
Vi um aratu pra lá e pra cá
Vi um caranguejo andando pro sul
Saiu do mangue, virou gabiru
Oh Josué, eu nunca vi tamanha desgraça
Quanto mais miséria tem, mais urubu
ameaça*

*Peguei um, balaio fui na feira roubar
tomate e cebola
la passando uma véia, pegou a minha
cenoura
"Aí minha véia, deixa a cenoura aqui"
"Com a barriga vazia
não consigo dormir"*

*E com o bucho mais cheio comecei a
pensar
Que eu me organizando posso
desorganizar
Que eu desorganizando posso me
organizar
Que eu me organizando posso
desorganizar*

*Da lama ao caos
Do caos a lama
Um homem roubado nunca se engana*

Maracatu de Tiro Certoiro

*(Urubuservando, a situação:
uma carraspana, na putrefação;
a lama chega até o meio da canela;
o mangue tá afundando e não nos dá
mais trela!)*

*De tiro certoiro, é de tiro certoiro
Como bala que já cheira a sangue
Quando o gatilho é tão frio
Quanto quem tá na mira - o morto!
Eh, foi certoiro - Oh se foi*

*O sol é de aço, a bala escaldante
Tem gente que é como o barro
Que ao toque de uma se quebra
Outros não!
Ainda conseguem abrir os olhos
E no outro dia assistir tv*

*Mas comigo é certoiro meu irmão
Não encosta em mim que hoje eu não tô
pra conversa
Seus olhos estão em brasa
Fumaçando! Fumaçando! Fumaçando!
Fumaça!
Não saca a arma não - a arma não? a
arma não! a arma não? a arma não!
Já ouvi, calma!*

*As balas já não mais atendem ao gatilho
Já não mais atendem ao gatilho, e já não
mais atendem...*

Antene-se

É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo

Escutando o som das vitrolas, que vem dos mocambos

*Entulhados à beira do Capibaribe
Na quarta pior cidade do mundo*

Recife cidade do mangue

Incrustada na lama dos manguezais

Onde estão os homens caranguejos

Minha corda costuma sair de andada

No meio da rua, em cima das pontes

É só uma cabeça equilibrada cima do corpo

Procurando antenar boas vibrações

Preocupando antenar boa diversão

Sou, sou, sou, sou, sou, sou Mangueloy!

Recife cidade do mangue

Onde a lama é a insurreição

Onde estão os homens caranguejos?

Minha corda costuma sair de andada

No meio da rua, em cima das pontes

É só equilibrar sua cabeça em cima do corpo

Procure antenar boas vibrações

Procure antenar boa diversão

Sou, sou, sou, sou, sou, sou Mangueloy!

Risoflora

*Eu sou um caranguejo e estou de andada
Só por sua causa, só por você, só por
você*

E quando estou contigo eu quero gostar

*E quando estou um pouco mais junto eu
quero te amar*

*E ai, te deitar de lado como a flor que eu
tinha na mão*

E a esqueci na calçada só por esquecer

*Apenas porque você não sabe voltar pra
mim...*

Oh Risoflora!

Vou ficar de andada até te achar

Prometo meu amor vou me regenerar

Oh Risoflora!

*Não vou dá mais bobeira dentro de um
caritó*

Oh Risoflora, não me deixe só!

*Eu sou um caranguejo e quero gostar
Enquanto estou um pouco mais junto eu
quero te amar*

*E acho que você não sabe o que é isso
não*

E se sabe pelo menos você pode fingir

*E em vez de cair em tuas mãos preferia
os teus braços*

*E em meus braços te levarei como uma
flor*

*Pra minha maloca na beira do rio, meu
amor!*

Oh Risoflora!

Vou ficar de andada até te achar

Prometo meu amor vou me regenerar

Oh Risoflora!

*Não vou dá mais bobeira dentro de um
caritó*

Oh Risoflora, não me deixe só!

Computadores Fazem Arte

*Computadores fazem arte
Artistas fazem dinheiro*

*Computadores avançam
Artistas pegam carona
Cientistas criam o novo
Artistas levam a fama*

Coco Dub (Afrociberdelia)

*Cascos, cascos, cascos
Multicoloridos, cérebros, multicoloridos
Sintonizam, emitem, longe
Cascos, cascos, cascos
Multicoloridos, homens, multicoloridos
Andam, sentem, amam
Acima, embaixo do Mundo
Cascos, caos, cascos, caos
Imprevisibilidade de comportamento
O leito não-linear segue
Para dentro do universo
Música quântica?*
